

CONVERGÊNCIA

Julho - 1971 - Ano IV - N.º 36



A EXPERIÊNCIA DE DEUS

- Nos patriarcas
- Nos profetas
- Nos sábios: Jó
- Em São João

CONVERGÊNCIA — Revista da
C. R. B.

Diretor-Responsável:

Frei Constâncio Nogara

Redator-Responsável:

Padre Marcos de Lima

Direção, Redação, Administração:
Av. Rio Branco, 123 — 10.º andar
Rio de Janeiro (ZC-21) GB
Enderço telegráfico: Conferência
Rio

Assinatura para 1971:

Brasil	Cr\$ 25,00
Exterior	US\$ 10,00
Avulso	Cr\$ 2,50

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores.

Composição: Compositora Helvética Ltda., rua Aníbal Benévolo, 173 — Rio de Janeiro — GB.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora VOZES Ltda., rua Frei Luís, 100 — Petrópolis, RJ.



EDITORIAL

1

SERVIÇO ESPECIAL:

Escreve

FREI CARLOS MESTERS

Comunidade do Carmo — Belo Horizonte

A EXPERIÊNCIA DE DEUS NOS PATRIARCAS: ABRAÃO 3

Lá, naquele longínquo passado, está fixado, em Abraão, o começo da ação divina para com aquele povo que soube captar, assumir e levar à frente os apelos de Deus.

A EXPERIÊNCIA DE DEUS NOS SÁBIOS: O LIVRO DE JÓ 9

"Pereça o dia em que nasci! Por que não morri no seio materno?" O sofrimento humano. Só falando diretamente com Deus é que o mistério do mal se esclarece. Jó decide por este caminho com muita coragem e sob forte contestação.

A EXPERIÊNCIA DE DEUS NOS PROFETAS 15

A certeza "Deus conosco" faz do homem do povo, um homem de Deus, e do homem de Deus, um homem do povo.

A EXPERIÊNCIA DE DEUS NO APÓSTOLO SÃO JOÃO 21

É difícil penetrar na intimidade de alguém. Mais difícil ainda quando resta apenas um fio frágil para vencer com ele a distância dos anos e estabelecer uma real comunicação entre os dois interlocutores: ele e nós.

E AINDA:

FALA AOS RELIGIOSOS 20

Dom Humberto Mozzoni — Nuncio Apostólico no Brasil

ALOCUÇÃO AOS RELIGIOSOS 26

Pe. Marcello de Carvalho Azevedo — Presidente Nacional da C R B

IX ASSEMBLÉIA GERAL DA C R B 28

Frei Constâncio Nogara — Secretário Executivo

LIVROS RECEBIDOS:

Editôra Vozes Limitada 7 e 17

Edições Paulinas 11

Avulsos de outras editôras 23 e 25



EDITORIAL

Ao se recordarem dos tempos idos, os judeus da Palestina se recriminavam com saudades: "Já não temos profetas, homens de Deus, que falem face a face com o Senhor, como acontecia com Moisés e Abraão!" Esta lamentação se mostrou totalmente desprovida de fundamento, pois outros profetas, outros homens de Deus surgiram, gozando da mesma e, até maior, intimidade com o Senhor, assim os Apóstolos e o máximo deles, o Cristo.

E não só com êste ou aquê se manifesta Deus. Cada um é um termo do diálogo. Cada pessoa é portadora de uma experiência original do Senhor.

Deus, na sua manifestação ao homem, não se deixa balisar pelo tempo, pela idade, pela cultura, pelos tipos de povos, pelos lugares. Em todo o tempo, idade, lugar, povo, se manifesta Deus e de um modo único. Deus é **HOJE**. O homem do presente sou eu. A mim Deus se manifesta.

Dizer que Deus se manifestava mais no passado é ofendê-lo. Ou queremos desterrá-lo de nossas vidas? Certamente que uma experiência de Deus ocorrida com Abraão, Jó ou um profeta, se reveste de um valor perene, como protótipo do agir de Deus.

Nas situações de extrema perplexidade que se abateram sobre a vida de Abraão, de indescritível sofrimento na vida de Jó, de complexidade e busca como na vida dos profetas, ou de peculiaríssima intimidade como a verificada com o evangelista João, ocorrem hoje, ao nosso redor.

Cada um de nós tem sua experiência original com Deus, in-

transferível. Se temos a descrição do agir divino, neste ou naquele homem, numa determinada época, é sinal de sua presença hoje. No deserto, na Palestina, na vida de Jó, o linguajar foi um.

HOJE, na época de transição pós-conciliar, no confronto das mais controvertidas interpretações do mundo, de nossa geração, da Igreja, da liberdade, nas convulsões das grandes cidades, estejamos seguros, neste mesmo ambiente, servindo-se desta realidade, Deus conduz o homem ao silêncio. Com êle fala. A êle se revela.

Quem conduz o mundo na vertigem de sua aceleração é o Senhor. Sua presença nos garante a possibilidade de um real diálogo com êle, na firmeza de uma fé que animou Abraão, nos sofrimentos que atualizam os dias de Jó, na esperança que iluminou as sinuosas e desconcertantes veredas dos profetas, ou na descoberta profunda e total do Cristo, como no Apóstolo João.

A Vida Religiosa é tudo o que ficou dito. É um ideal vivido por homens, em todos os quadrantes, côres e épocas e todos buscando testemunhar de um modo real e atual a experiência de Deus dos nossos irmãos do passado.

Frei Carlos Mesters nos dá, em quatro trabalhos dêste número, alguns flashes do diálogo de Deus com o homem.

Deus age assim. É uma esperança. Uma firme realidade. Para nós. Para mim.

Frei Constâncio Nogara

A EXPERIÊNCIA DE DEUS NOS PATRIARCAS

ABRAÃO

ONDE O HOMEM
PROCURA SER HOMEM
É LÁ
QUE ENCONTRA
O DEUS DOS HOMENS

MOLDURA DE FÉ E CONSCIÊNCIA

Na Bíblia, um povo inteiro descreve como, dentro da sua realidade, soube captar, assumir e levar para a frente os apelos de Deus. O contacto com Deus deu a êsse povo uma nova consciência de si mesmo e o colocou de maneira nova frente aos outros e frente ao universo. Descrevendo a história do passado, a Bíblia está interessada em comunicar aos membros do povo essa nova consciência, nascida da sua experiência de Deus. Em função disso arranja as coisas e apresenta o emaranhado dos acontecimentos. Quer manter aberto o caminho que possa levar a um reencontro com Deus.

Vivendo essa sua vida com Deus, o povo olhou para trás e fixou, em Abraão, o começo da ação divina para consigo. Lá, naquele longínquo passado, localizou o início da larga curva na estrada da vida, pela qual vinha caminhando, até alcançar o lugar onde, agora, olhando para trás, se encontrava consigo e com Deus.

A narração bíblica sobre Abraão situa-se dentro dessa moldura maior de consciência e de fé. Às vezes, é difícil saber o que é da moldura e o que é da pintura. Ou seja, às vezes, quase sempre, não é mais possível discernir o que pertence à história e o que provém da interpretação dessa história. Eles faziam com o seu passado o que nós, hoje, fazemos com o nosso, a saber: a memória do passado acompanha o povo não como um fato bruto, mas como fato interpretado à luz da consciência e da fé que o povo possui no momento presente. Diluem-se, assim, na memória do povo, os contornos precisos entre história do passado e consciência de si mesmo no presente.

HISTÓRIA EXEMPLAR E SIMBÓLICA

A descrição da história de Abraão é **exemplar**, isto é, ela está na Bíblia para servir de **modelo de ação** aos que vivem em épocas posteriores. Isso explica as divergências que uma leitura mais atenta aí descobre, pois em cada nova época da sua história, o povo precisava de um **novo** modelo de ação, para poder continuar a caminhada pela estrada aberta por Abraão.

A história de Abraão não descreve tanto a experiência que Abraão teve de Deus, êle, pessoalmente, mas sim a experiência que tiveram de Deus, nas épocas posteriores, aqueles que escreveram sobre Abraão.

— Então, a história de Abraão já não tem mais nada de histórico?

Essa pergunta é nossa. O povo da Bíblia não a faria. Mas é uma pergunta legítima e, hoje, até necessária. Exige uma resposta. Se o povo da Bíblia pudesse perceber o alcance da nossa pergunta, talvez nos desse a seguinte resposta:

“A minha vida, hoje, é a prova de que eu nasci, embora eu nada saiba sobre a data nem sobre o como do meu nascimento. O fato, porém, de eu desconhecer as circunstâncias do meu nascimento não pode levar a concluir que o meu nascimento não é histórico, pois **eu existo e sou real**. Eu, hoje, sou a prova da historicidade do meu nascimento”

O povo bíblico, vivendo como povo, no seu hoje e agora, é a prova da historicidade do seu nascimento, localizado em torno da figura de Abraão, embora pouco ou nada saiba de

concreto sobre as circunstâncias precisas desse fato. Aliás, isso não lhe interessava tanto. O seu grande interesse não estava em dizer como nasceu, mas em manter, em aprofundar e em levar para a frente a vida que recebeu, desde Abraão.

O próprio São Paulo afirma que a história de Abraão é exemplar ou “simbólica” (Heb 11,19). Isso em nada destrói a historicidade, mas coloca a história de Abraão no seu devido lugar, dentro da nossa vida. Nós temos a incrível capacidade de nos alienar do nosso hoje, seja lá onde fôr, para não ter que ver a realidade que está debaixo dos nossos pés. Se pudermos escapar para o passado, nós o fazemos, tendo ainda a consciência tranqüila de que estamos ocupados com as coisas de Deus. Dizendo, porém, que a história de Abraão é exemplar ou “simbólica”, afirma-se que o seu valor só aparece na sua referência com o presente que está sendo vivido, seja referência de crítica e de condenação, seja de aprovação e de orientação.

DEIXAR O SEGURO PELO INSEGURO

A crítica literária apurou que o começo da história de Abraão, a saber, Gên 12, 1-3, é como a capa bonita de um livro, feita depois que tudo já estava pronto. É como que o título, o resumo de tudo que segue sobre Abraão. É o plano geral, dentro do qual vão ser colocadas as pedrinhas deste imenso mosaico da história de Abraão. Pois o que a Bíblia visa, não é só informar sobre o Abraão que viveu e já morreu, mas também e sobretudo sobre o Abraão que vive em cada membro do povo. Quer despertar os homens, para que percebam as intenções e os apelos de Deus, assim como o primeiro Abraão os percebeu.

No título (Gên 12, 1-3), transparece, em primeiro lugar, a consciência que o povo tinha da sua missão, nascida do contacto com Deus. A eleição divina é vista não como mero privilégio, mas como um serviço a ser prestado a todos os outros povos:

“**Tôdas as famílias da terra serão abençoadas em ti**” (Gên 12,3).

O horizonte é o mais amplo possível. Se, por acaso, a preocupação com Deus e com a experiência de Deus levasse o povo a fechar-se sobre si mesmo e sobre os seus problemas internos, seria isso um sinal de que já perdera

o contacto com o Deus vivo e verdadeiro. Estaria fora da estrada aberta pela fé de Abraão. Estaria à procura de um ídolo, de uma projeção sua. Já não seria o Deus de Abraão, mas uma caricatura de Deus.

Em seguida, nesse título de três versículos, colocam-se os elementos que devem caracterizar o relacionamento de fé do homem com Deus. A exigência divina é:

deixar tudo atrás de si, tudo que se possui, e pôr-se em marcha para o desconhecido (Gên 12,1).

Isso só é possível quando se sabe que Aquêle que chama pode dar maior certeza e segurança do que aquela que já se possui. O que aqui se pede é: ter a coragem de deixar o seguro pelo aparentemente inseguro, o conhecido pelo aparentemente desconhecido, o certo pelo aparentemente incerto. Abraão, em toda a história que segue, é apresentado como grande exemplo do homem que realizou esse ideal da fé. Ele é o homem.

que caminha,
que busca o absoluto,
que não esmorece, apesar das contradições,

PUBLICAÇÕES

DA

C

◆ AS PEQUENAS COMUNIDADES
DE RELIGIOSOS (AS) 15,00
Ir. Sebastiana Rodrigues de Brito

◆ FUNDAMENTAÇÃO EVANGÉLICA
DA VIDA RELIGIOSA 3,00
Frei Carlos Mesters

◆ POBREZA E VIDA RELIGIOSA
NA AMÉRICA LATINA 3,00
Documento da CLAR

◆ FORMAÇÃO PARA A VIDA RELIGIOSA
RENOVADA NA AMÉRICA LATINA .. 5,00
Documento da CLAR

R

◆ RENOVAÇÃO: VOLTA
ÀS FONTES E PROSPECTIVA 5,00
Documento da CLAR

◆ EXORTAÇÃO DO PAPA PAULO VI
SOBRE A RENOVAÇÃO
DA VIDA RELIGIOSA 3,00

B

ATENÇÃO

Assine ou renove sua assinatura de *CONVERGÊNCIA*. Seu cheque, visado para o Rio de Janeiro, para pagamento da assinatura, ou da renovação, ou de qualquer livro, seja sempre enviado só e exclusivamente com este nome:
CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL — CONVERGÊNCIA.

que caminha sempre, embora nada de concreto tenha diante de si que lhe confirme, humanamente falando, a certeza da promessa, em busca da qual partiu e em favor da qual tudo deixou.

DEU CRÉDITO A DEUS

O apoio da fé de abraão não está naquilo que ele faz ou nas obras que pratica, mas está na Palavra que promete um futuro maior. Palavra que sai da boca de Alguém que tem a força e o poder de garantir esse futuro. Alguém que já deu prova de ser fiel e de nunca ter traído a palavra uma vez dada. "Abraão partiu como o Senhor lhe tinha dito" (Gên 12,4). Sua vida está suspensa numa Palavra amiga. Não tem outro apoio. E isso exige um passo no escuro.

Nem sempre a caminhada foi fácil. A realidade contradizia a possibilidade da promessa (Gên 15,2) e suscitava dúvidas. Mas Abraão fixou a sua vida na Palavra. "Abraão confiou no Senhor, e o Senhor lhe imputou isso como justiça" (Gên 15,6). Ou seja, em termos nossos: Abraão deu crédito a Deus e, por isso se colocou no lugar certo. Estava lá onde Deus queria. Deixou Deus ser Deus na sua vida. Era justo!

As crises da fé acontecem quando o homem percebe que os apoios, anteriormente escolhidos, não são apoios certos. O simples raciocínio talvez pudesse revelá-lo. Mas é só mesmo a vivência que pode convencer o homem do engano e que pode vencer nêle a resistência que opõe contra Deus.

Abraão pensava que a "numerosa posteridade", prometida por Deus, devesse nascer de Eliezer, filho de uma escrava (Gên 15,3-4). Teve que mudar de opinião (Gên 15,4).

Pensou e desejou, em seguida, que ela devesse nascer de Ismael (Gên 17,17-18). Mas teve que mudar de opinião (Gên 17,19-21).

Uma vez que Isaque nasceu, Abraão viu nêle a confirmação da Palavra e transferiu o apoio da fé para esse menino, nascido de Sara. Mas teve que mudar de opinião, pois Deus pediu que sacrificasse Isaque (Gên 22,1-14).

Não se transfere o apoio da fé e da amizade para os sinais da amizade. O apoio deve ser sempre o amigo, ele mesmo, que oferece os sinais. Foi a prova mais difícil. Mas Abraão a superou, pois "pensava que Deus era poderoso até para ressuscitar alguém dentre os mortos" (Heb 11,19). Levou a Palavra de Deus a sério e, por isso, "obteve de volta o filho" (Heb 11,19). Pela sua fé, garantiu a "nume-

rosa posteridade" que somos nós que vivemos hoje.

A resposta de fé de Abraão é descrita no que segue desde o capítulo 12, onde ele parte, até o capítulo 25, onde ele morre. É uma resposta feita de absurdos e contrastes, de contradições e dúvidas:

ser pai de um grande povo, e não ter nem poder ter filhos;

ser dono de uma grande terra, e não possuir mais do que um lote, no fim da vida, para enterrar os ossos (Gên 23,1-20);

ser motivo de bênção para todos, e não ter lugar fixo para morar entre eles!

O homem que crê e que "caminha com Deus" (Gên 17,1), torna-se por isso mesmo, um sinal de contradição. Pela sua fé, ele torna-se um reflexo de Deus. Algo inteiramente nôvo, que antes não aparecia, se faz presente na sua vida e começa a questionar os outros. De acordo com as atitudes que se tomam diante do homem que crê, cada um define a sua posição frente a Deus, tornando-se objeto ou de bênção ou de maldição (Gên 12,3). É o julgamento de Deus sobre o mundo (Jo 3,19).

BIBLIA DIVINA E TAMBÉM HUMANA

A descrição da história de Abraão tem de tudo, coisas importantes e coisas secundárias. É como o álbum familiar que, ao lado das fotografias importantes do casamento e das outras grandes datas da história familiar, conserva fotografias menos importantes que nem data têm mais. Para a família, porém, ambas as fotografias são importantes, pois, em ambas, ela se contempla. Assim, na descrição da história de Abraão, conservam-se episódios importantes sobre a promessa, a aliança, a eleição e a fé, e episódios menos importantes como a história da beleza de Sara, mulher de Abraão, avó do povo (Gên 12,10-20). Para o povo, porém, ambos eram importantes, pois a fé se exerce tanto nas coisas grandes como nas pequenas.

A mulher de Abraão, bonita, tão bonita, que este se viu obrigado a fazer-se passar por irmão de Sara. Através dessa história, o povo fica sabendo que a sua avó era bonita mesmo. Nós, hoje, conservamos as fotografias das nossas avós e as penduramos na sala mais importante da casa. Naqueles tempos, ainda não havia máquina fotográfica, mas existia a mesma preocupação de conservar para os netos a imagem da avó. Conservaram-na numa linda história, que é como uma fotografia retocada.

Hoje, ninguém reclama quando o fotógrafo retoca a fotografia, paga até. Importante é que se conserve uma lembrança agradável da avó ou da mãe, que dê ao neto a satisfação e o orgulho de pertencer a esta família. Para que reclamar da Bíblia por ela retocar a imagem de Sara, quando nós, até hoje, fazemos o mes-

mo? Importante é o neto sentir-se contente e orgulhoso de poder pertencer a este povo e de poder orientar a sua vida com a fé que animou a Abraão e a Sara. Além de ser divina, a Bíblia é também humana, muito mais humana do que nós suspeitamos.

APESAR DE INVISÍVEL, PRESENTE

Isso foi o Abraão, tal como o povo o via à luz da sua fé. Nasce aqui a pergunta: até onde tudo isso corresponde à realidade? Se é permitido olhar o passado à luz da fé, é também permitido investigá-lo à luz da ciência. A ciência o investigou e oferece o seguinte quadro.

No tempo de Abraão, mais ou menos, 1800 antes de Jesus Cristo, muita gente emigrava da terra dos caldeus para a Síria. Descia, em seguida, pela terra de Canaã, para fixar-se no Egito (Gên 11,28-31; 12,5). Abraão era um dos muitos que levantavam as tendas, em busca de uma terra melhor onde corria leite e mel. Todos esses nômades tinham o seu deus de família, cujas ordens seguiam e em nome de quem tudo faziam. Como na família de Abraão, esse deus passava de pai para filho e era a herança mais preciosa da família. Era o deus dos pais. A ele, todos os membros da família se sentiam ligados.

Visto de longe, à luz da fé, Abraão se destaca do meio da multidão. Visto, porém, de perto, à luz da ciência, ele se perde no anonimato, diferente dos outros apenas pelo nome. Essa é, aliás, a condição de todos nós: perdemo-

nos no anonimato, diferente dos outros, apenas pelo nome.

É como a curva larga, na estrada. O motorista não a percebe, quando nela entra com o carro. Parece simples continuação da reta, na qual vinha guiando. Mas, vista de longe, do alto do morro, a curva aparece com nitidez, e o seu começo pode ser localizado com precisão. É como arco-iris: visto de longe, parece tocar a terra num lugar bem determinado, mas visto de perto, naquele lugar nada se encontra.

Assim se dá com a história de Abraão. Aquêlê Deus que parecia estar em comunicação direta e visível com Abraão e que aparecia a cada momento, esse mesmo Deus, visto de perto, já não aparece na vida de Abraão, como também não aparece na nossa vida. Desaparece como a gôta do remédio num copo de água. No entanto, apesar da invisível, a gôta está lá dentro. Apesar de invisível, Deus está presente na vida. Não está nem mais longe nem mais perto de nós, do que estava de Abraão. Estamos em condições iguais. Só o instrumento de medição da fé consegue descobrir os seus traços. A história de Abraão, tal como a Bíblia, a apresenta, procura ajudar-nos nessa descoberta. Em que sentido?

EM DIREÇÃO A TERRA DO FUTURO

Como em todo mundo, Abraão andava atrás do deus de sua família (Jdt 5,7-8). Procurava ser fiel. Tinha que adorar esse deus, pois, do contrário, colocaria em perigo a própria vida e a vida dos outros. O deus poderia ficar irritado e tirar vingança.

Essa era a forma de se viver a vida e de se acertar na estrada da existência. Forma de viver diferente de hoje na sua expressão concreta, mas idêntica na sua preocupação fundamental: querer acertar o passo na vida, prote-

ger-se a todo custo contra males, fazer da vida aquilo que deve ser, descobrir e assumir o valor absoluto.

Ora, é exatamente aí, nessa preocupação permanente e constante do homem de querer acertar o passo na vida, que Deus encontrou e ainda encontra a brecha para entrar na vida, para deixar-se encontrar por ele, estabelecer uma comunicação, preparar um encontro e chegar a concluir com ele um pacto de amizade, que a Bíblia chama aliança. Por isso, onde

o homem procura acertar na vida e procura descobrir o valor absoluto, é lá que deve procurar a brecha para o seu encontro com Deus.

É difícil dizer como tudo isso se processou na vida de Abraão. Disso a Bíblia não fala. Ela fala de como o povo viveu com Deus, seguindo sempre pela estrada, aberta por Abraão. A forma concreta da experiência que Abraão teve de Deus ficará para sempre o segredo que Abraão levou consigo para o túmulo. Mas a flor que nasceu dessa semente, está aí, na Bíblia, e até hoje alegra o olhar e espalha seu perfume.

Antes, Abraão carregava o seu Deus, projeção dos seus próprios desejos. No fim, Abraão estava sendo carregado e guiado por Deus. De simples idéia, Deus passou a ser Alguém, que se impunha ao homem com as suas exigências. Por isso, o povo hebreu, quando passou de povo nômade a ser um povo agrícola, não mudou nem trocou o seu Deus, como o fizeram os outros povos. Mas conservou sempre o mesmo "Deus dos pais" e continuou considerando a sua própria vida como uma peregrinação de gente nômade, sem terra fixa, em direção à terra do futuro onde corre leite e mel.

REDUÇÃO AO TAMANHO MÍNIMO

A conclusão que se pode tirar de tudo isso, é que, historicamente, a entrada de Deus na vida dos homens foi silenciosa, sem barulho. Deus entrou no ônibus da humanidade, e nele entra ainda, incógnito, paga passagem, passa pela "borboleta", senta ao lado de Abraão, ao nosso lado, e entra na conversa tal como esta vem sendo mantida. Quando Abraão deu pela presença de Deus, Deus já estava no volante do ônibus, dirigindo a vida de Abraão, e Abraão já estava comprometido com Ele. Por fora, nada mudou. Abraão continuou como um dos muitos, perdido na massa, anônimo para os outros. Mas, por dentro, uma luz se acendeu e uma força se acionou que, até hoje, ninguém conseguiu destruir, a força da Ressurreição (Heb 11,19).

É a convicção da Bíblia que a vida humana fervilha de momentos de revelação, de sinais de Deus, que hoje chamamos "sinais dos tempos". Se ela descreve a história de Abraão com aquela evidência da presença de Deus, isso se deve, em parte, à cultura daqueles tempos, em parte, à fé de quem escreve, e, em parte, à redução dos fatos ao tamanho mínimo. Uma fotografia bem grande, quando reduzida, torna-se mais nítida e apresenta com maior

LIVROS RECEBIDOS

EDITORA VOZES LTDA.
RUA FREI LUÍS, 100
CAIXA POSTAL, 23
PETRÓPOLIS — RJ

GRANDE SINAL, maio 1971. ● Aspectos psicológicos da oração e meditação, Frei Ademar Spindeldreier. ● Mistério pagão e mistério cristão: similitudes e diferenças, Frei Alberto Beckhauser. ● O sentido da morte de Cristo, Frei Leonardo Boff. ● Pequenos símbolos de grandes realidades, Ir. M. Helena Pinto Correa.

GRANDE SINAL, junho 1971. ● Jesus Cristo e a moral, Pe. Jaime Snock. ● Casa de oração temporária, Ir. Mary Joseph Maher. ● Ressurreição: realizou-se o reino de Deus em Jesus Cristo, Frei Leonardo Boff. ● Dinâmica de grupo, escola de autenticidade, Pe. Yves de Saint Arnaud.

FOI JESUS CRISTO REVOLUCIONÁRIO? Martin Hengel, 1971. Páginas: 45.

A resposta não é taxativa, nem poderia sê-lo. Da vida e atividade de Jesus podem-se dar duas interpretações distintas, na linha da revolução ou do *status quo*. O autor mostra que, realmente, a figura de Jesus se presta a estas interpretações pessoais, em que cada um acaba vendo a imagem que tem dele e a imagem de suas aspirações e decisões. Há duas categorias de relatos e palavras de Jesus, cuja escola e interpretação podem dar dois quadros de Jesus: revolucionário ou reacionário.

De qualquer forma, se havia uma revolução que Jesus pregava, era a do homem consigo mesmo, de seu coração, no sentido bíblico, do centro de seu eu mais nuclear. Esta revolução é permanente e radical. Atinge todo o homem e cobre toda sua existência e atividade, de um extremo a outro, desde seus pensamentos mais inconfessáveis até as estruturas que cria. Exigindo a mudança radical da pessoa, exige por este mesmo fato, a transformação de toda a realidade: humana, social e até cósmica. Daí as incidências necessárias de Jesus na área política.

INTERPRETAÇÃO DOS DESENHOS INFANTIS, Daniel Widlocher, 1971. Páginas: 250.

Há doze anos, Daniel Widlocher, psiquiatra e psicanalista, dirige o laboratório de psiquiatria da Clínica de Psiquiatria Infantil do Hospital de Salpêtrière, em Paris. É professor da Faculdade de Medicina de Paris, na Faculdade de Ciências Humanas de Nanterre e no Instituto de Psicologia de Paris.

Em seus estudos, tem dado um realce todo particular a dois modos de expressão, cuja importância é primordial no conhecimento da criança: a improvisação dramática e o desenho. Atualmente as suas pesquisas estão sendo orientadas para as aplicações do método genético no domínio da Psicopatologia.

clareza os principais traços do rosto do fotografado.

São essas algumas observações sobre a experiência de Deus em Abraão. Tudo isso mostra como o povo da Bíblia, embora se alimentasse constantemente no seu passado, não ficava prêso no passado que já se foi. O passado o despertava, no seu hoje e agora, para uma dimensão da vida, difícil de ser encontrada, mas nem por isso menos real. A Bíblia sugere que em todos existe um Abraão, que

busca o absoluto, não contente com o que tem e é, querendo deixar a terra, procurando acertar na vida, procurando algo de valor. Mais importante do que conhecer o primeiro Abraão é descobrir êsse Abraão dentro da sua própria vida.

Hoje, muitos não sabem que são Abraão. Falta quem lhos revele. Mas falta por que? Talvez, porque nós temos pouca experiência de Deus. Pouco podemos revelar a seu respeito, a não ser idéias que já não convencem mais.



ORAÇÃO E MEDITAÇÃO

É condição indispensável para uma vida humana saber desviar-se das coisas que a rodeiam e agitam para abismar-se nas profundezas da alma até o núcleo da personalidade, através da meditação e da oração.



Não é sábio impor determinações de fora, mas é muito sábio estimular o grupo a descobrir as suas próprias soluções.



CELAM

Um excelente veículo para a busca de soluções comuns e específicas a todos os católicos do continente latino-americano. **Da carta de Paulo VI aos participantes do encontro do Conselho Episcopal Latino-Americano, reunido em Costa Rica, maio/1971.**



INTERAÇÃO

A vida comum, em sua dialética pessoa-comunidade, tem uma profunda interação. As pessoas constróem a comunidade. A qualidade das pessoas determina a qualidade da vida comunitária. E a qualidade da vida comunitária influi profundamente no processo de personalização de seus membros.



De nada precisam tanto e por nada aspiram tão profundamente os homens de hoje, como por verem desaparecer do seu horizonte as nuvens carregadas de ameaças da discórdia e dos conflitos. **Cardenal Villot, Secretário de Estado do Vaticano, na carta aos Bispos responsáveis pela Ação Social na América Latina, reunidos em Salvador, Bahia.**

O DRAMA APRESENTADO NO LIVRO DE JÓ
É O DRAMA PERMANENTE GERADO PELO CONFLITO
ENTRE A REVELAÇÃO E A REALIDADE.
REVELAÇÃO, TAL COMO ESTÁ ENCARNADA
NOS PENSAMENTOS DA CULTURA HUMANA. REALIDADE,
TAL COMO SE APRESENTA, EM CADA ÉPOCA,
À CONSCIÊNCIA DOS HOMENS,
QUESTIONANDO A VALIDADEZ DAS COISAS DO PASSADO.
NESSE CONFLITO TODO,
QUEM CONSERVOU OS VALORES DA TRADIÇÃO,
FOI JÓ. OS AMIGOS FICARAM COM A CASCA APENAS.
JÓ SOUBE PENETRAR ATRAVÉS DA CASCA E ENCONTRAR
O AMIGO DE CUJA AMIZADE JAMAIS DUVIDARA.

A EXPERIÊNCIA DE DEUS NOS SÁBIOS

O LIVRO DE JÓ

**Quando morre uma imagem de Deus, renasce
outra, nova e viva, no coração do homem.**

O SOFRIMENTO HUMANO

"Pereça o dia em que nasci!
Por que não morri no seio ma-
terno! Estaria agora deitado e
em paz dormiria. Teria repou-
so. Por que conceder a luz aos
infelizes e a vida àqueles cuja
alma está desconsolada, que
esperam a morte, sem que ela
venha, e que a procuram mais
ardentemente do que um tesou-
ro, que são felizes até ficarem
transportados de alegria, quan-

do encontram o sepulcro? Não
tenho paz, nem descanso, nem
repouso. Só tenho agitação"
(Jó 3,3.11.13.20-22.26).

Este é o problema que vai ser
debatido: o sofrimento humano.
Vão à procura do seu porquê,
Jó e seus três amigos. Querem
saber por que isso acontece.
Na medida, porém, em que vão
prosseguindo nessa busca difí-
cil, percebem que a solução do
problema que os abate não se
encontra dentro dos limites da

existência humana. Essa árvore do sofrimento que cresce virulenta na vida dos homens, tem raízes tão profundas, que atravessam a terra da existência humana e se perdem nas profundezas de Deus. Atrás do sofrimento, eles enxergam os traços de um rosto (Jó 4,16). Será que é de Deus, ou é só o reflexo da imagem que dêle os homens fizeram? Este é o fundo do problema que vai ser debatido no livro de Jó.

Os amigos dizem que é o rosto de Deus, rosto severo do Juiz que castiga. Todo sofrimento é sinal de castigo divino e de culpa humana. Para provarem a sua tese, invocam mil e um argumentos da tradição e da sabedoria dos

antigos. Jó, aquele que sofre, já não consegue aceitar essa tese. Contesta. Mas não tem outro argumento, a não ser um só: a voz da sua própria consciência que atesta a sua inocência e que lhe proíbe dizer: sou culpado. Jó quer ir além dessa máscara do juiz severo e penetrar nos sentimentos de Deus para com o homem. Quer ir além daquilo que aparece nas palavras da tradição, representada nos três amigos. No Deus que eles pregam, Jó não consegue acreditar mais. Só mesmo falando diretamente com Deus e interrogando a Ele, é que o mistério do mal se esclarece. É o que Jó decide fazer, com muita coragem e sob forte contestação.

NÃO O PECADO, MAS A VIRTUDE

O debate é apresentado em forma de **drama**. Um narrador introduz o assunto e conta o caso concreto — um, entre milhares de outros — da história de Jó, “íntegro, correto, temente de Deus, afastado do mal” (Jó 1,1). De repente, ficou pior do que um miserável. Perdeu tudo quanto tinha e foi rejeitado por todos. Um monte de lixo é o lugar onde parou (Jó, capítulos 1 e 2).

O narrador leva o leitor como que atrás dos bastidores do destino dos homens. Lá onde se decide o porquê das coisas que acontecem na vida e do qual nós não temos conhecimento, por não estar ao alcance do nosso saber. Informa que uma decisão, tomada lá no alto, está na origem do sofrimento de Jó. Não é a culpa nem o pecado, que levaram Deus a decretar ou a permitir o sofrimento. Pelo contrário, foi a virtude do justo a ser testada.

Feita a apresentação do caso, o narrador desaparece. O pano se abre. Lá no palco está Jó, rejeitado por todos, sentado num monte de lixo, rodeado por seus três amigos que, com ele, vão debater o problema do sofrimento. Jó e os seus amigos não sabem o que o público e o leitor já sabem. Não conhecem o porquê do sofrimento, pois não ouviram a relação do nar-

rador. O público tem assim um critério para poder julgar a exatidão das conclusões a que vão chegar os quatro lá no palco.

Jó, o sofredor, representa o público que anda pela vida, mudo, sofrendo, sem saber o porquê. Os três amigos são porta-vozes desse mesmo público, enquanto este procura encontrar explicações para o sofrimento, a fim de tornar a vida um pouco mais tolerável. O público vai assistir, agora, ao que valem as suas explicações, se são capazes de resistir aos ataques que vêm de Jó. A Jó, as explicações tradicionais do povo já não satisfazem. São racionalizações, nada mais. A consciência daquele que sofre já não encontra aí uma explicação que o tranquilize. Jó representa a consciência do povo que contesta a palavra da tradição. Um mundo acaba, outro nasce. Uma idéia de Deus morre, outra surge. Mas surge na contradição e na busca dolorosa do homem que crê que Deus é maior e melhor do que a mentira que sobre Ele se prega (Jó 13,7-8).

O debate que segue é a luta que se trava entre a consciência e a tradição. É a volta constante e sempre renovada do homem ao centro gerador da fé: Deus, que renova tôdas as coisas,

SUA VOZ CONTESTA A TRADIÇÃO

Jó abre o debate, fazendo ouvir a sua queixa amarga: “pereça o dia em que nasci!” O problema está levantado. Começou a árdua busca de um sentido para o sofrimento absurdo que abate o homem.

O primeiro amigo, Elifaz, com amabilidade e compreensão aparente, sugere a causa que a tradição prega: “Pode um homem ser justo na presença de Deus, pode um mortal ser puro

diante do seu Criador?” (4,17). “O mal não sai do pó, e o sofrimento não brota da terra. É o homem que causa o sofrimento” (5,6-7). É a sua culpa que chama sobre si o castigo merecido, os males da vida. “Feliz o homem a quem Deus corrige! Jó, não despreze a lição do Todo-Poderoso. Pois Ele fere, mas cuida. Se golpeia, Sua mão cura” (5,17-18). Com outras palavras, se Jó quiser superar a crise e ver-se livre do

sofrimento, deve começar por reconhecer sua culpa. Esse é um conselho de amigo. "Tire proveito disso, Jó" (5,27).

Foi lenha no fogo. O conselho do amigo, em vez de abrir uma pista, fechou de vez o horizonte. "Agora, já não encontro mais nenhum socorro. Qualquer esperança de salvação me foi tirada. Recusar a piedade a um amigo é o mesmo que abandonar o temor de Deus. Meus amigos são traiçoeiros como a torrente" (6, 12-15). Jó esperava algum alívio da parte dos amigos. Em vez disso, colocaram o dedo na chaga viva e aumentaram a dor. Sugeriram aquilo que Jó mais contestava. Ele devia ser um grande pecador por estar sofrendo tanto. Em vez de defenderem o amigo, defenderam as suas próprias idéias. Todo o sofrimento é castigo de Deus e revela o pecado e a culpa de quem sofre.

Jó desabafa: "É assim que vocês estão falando em cumprir o que de vocês eu esperava nesta hora" (6,21). Não está pedindo esmolas (6,22-23). A causa da sua dor não está na falta de posses. Isso é de menos. Jamais iria rebaixar-se, confessar culpa, para poder readquirir o que tinha perdido. Mas é que nem os seus amigos o levaram a sério. Desconfiaram da sua inocência. Repetiram fórmulas velhas. Quiseram defender uma tese antiga, negando a realidade da inocência do amigo.

"Mostrem-me em que falhei, façam-me saber, e eu me calarei. Vocês são capazes de pôr em leilão um órfão, de traficar um seu velho amigo. Vamos, olhem para mim, cara a cara, eu não minto, não! Venham de novo. Não sejam injustos comigo. Venham, sou inocente nesta questão toda. Por acaso existe iniquidade na minha língua? Será possível que eu não saiba discernir o mal?" (6,24.27.28-30).

Por que eles têm medo de encarar Jó de frente? Por que negam a realidade e a amizade? Porque Jó representa um perigo. Esse esfarrapado marginalizado, do fundo da sua miséria, que já não tem mais nada a perder, nega o que a tradição afirma. Não quer reconhecer sua culpa. A sua voz de contestação ameaça a ordem estabelecida da religião e da tradição. Não se pode levar a sério as palavras abusivas sobre Deus que ele pronuncia. Seria negar a justiça e a sabedoria de Deus.

SOU EU ENCARNAÇÃO DO MAL?

Apenas iniciada, a discussão já revela a profunda divergência entre os dois grupos, entre a consciência e a tradição. Com efeito, o problema não era só de privação de bens e de dor na carne. Era uma angústia profunda que já não dava mais sossego: "Quando me delto,

LIVROS RECEBIDOS

EDIÇÕES PAULINAS
PRAÇA DA SÉ, 184
CAIXA POSTAL, 8.107
SÃO PAULO — SP

A MENSAGEM DE CRISTO, Teologia e Revelação, Domenico Grasso, 1970. Páginas: 448.

O autor procura apresentar ao homem moderno, em forma moderna, a mensagem de salvação e de realização de si mesmo que Cristo trouxe ao homem. O livro é uma teologia que oferece a única resposta completa a todas as vicissitudes da vida humana, aos dramas que a assoberbam, às suas instâncias, ao seu progresso.

PARA SER ALGUÉM, Frei Francisco M. de Ube-raba, 1971. Páginas: 155.

A preocupação, o fracasso, o trabalho, a amizade, o sexo, o divertimento, a religião, etc. que valor têm para a vida do homem de hoje? O autor procura solucionar com clareza e perícia essa problemática. O livro orienta, distrai, faz aceltar e refletir, amadurece e eleva.

GENTE COMO NÓS, Pe. José Fernandes de Oliveira, SCJ, 1971. Páginas: 45.
Subsídio para a catequese paroquial.

EVANGELHO PARA REZAR, Frei Alberto Cham-bert, OP., 1971. Páginas: 110.

O rosário é como o evangelho abreviado. Seja ele a grande oração pelas necessidades ordinárias e extraordinárias da Igreja, das nações e do mundo inteiro. (Paulo VI). **Evangelho para rezar** é uma tentativa para atualizar o tradicional rosário, alargar a estrutura dos quinze mistérios, sugerir um mistério para cada dia da semana, meditar os mistérios, seguindo o evangelho.

delto: quando chegará o dia?; logo que me levanto: quando chegará a noite?" (7,4). A vida perdeu o seu sentido. Nem a morte ia poder resolver o problema, por mais que Jó a desejasse. Sofrer em vida, sem saber o porquê, e morrer, em seguida, para ser esquecido para sempre! Isso nunca! Agora é a Deus que se dirige:

"Já não vou segurar minha língua! Vou falar da angústia que tenho. Por acaso sou o mar ou um monstro marinho (ou seja, sou eu, por acaso, a encarnação do mal), para teres pôsto um guarda contra mim?" (7,11-12).

Nem o sono não traz alívio: **"Tu me causas terror com sonhos e horror com visões"** (7,14). Jó prefere ser estrangulado, prefere a morte a esse tormento (7,15).

Como os amigos, Jó tinha a mesma idéia de Deus que dizia seu sofrimento ser sinal de culpa e de pecado. Sente-se rejeitado não só pelos homens, mas também por Deus. A fala dos amigos era apenas uma expressão dessa mão pesada de Deus que o rejeitava. Eles eram fiéis à tradição. Colocaram-se do lado de Deus contra Jó. De amigos, tornaram-se inimigos. Jó está só. Inteiramente só. Com a sua consciência. Os amigos já não toleram esse modo de falar de Jó. Deus corre perigo. Vão defender Deus:

"Por acaso, Deus curva o que é reto, o Todo-Poderoso subverteria a justiça?" (8,3).

Que Jó seja bonzinho. Recorra a Deus. Reconheça que Deus é justo. Reconheça que o sofrimento é fruto de pecado! Pois essa é a sabedoria que, desde sempre, foi ensinada (8, 8-10). Só assim, Jó poderá reencontrar a paz e Deus "porá de novo o riso em tua boca e em teus lábios gritos de alegria" (8,21).

SÓ UMA VOZ SE LEVANTA

Mas é exatamente por esse caminho que Jó não quer entrar. Tudo que os amigos falam, é coisa sabida para ele. "Bem sei que é assim. Como poderia um homem ter razão contra Deus? Se quisesse disputar com ele, não lhe responderia uma vez entre mil. Deus é sábio em seu coração e poderoso, quem pode afrontá-lo impunemente?" (9,2-4).

Jó sabe que não adianta querer discutir com Deus: "Quem sou eu para replicar-lhe, para escolher argumentos contra ele? Ainda que eu tivesse razão, ele não responderia, e eu teria de pedir clemência a meu juiz. Se eu o chamasse, e ele me respondesse, eu não acreditaria que ele tivesse ouvido a minha voz. Ele que me desintegra como um redemoínho, que multiplica minhas feridas, sem manifestar o motivo, que não me deixa tomar fôlego, mas me enche de amarguras" (9,14-18).

Jó se sente numa posição de total incapacidade. Não pode com Deus. Deus faz o que bem entende, sem dar satisfação. Nesta sua situação de inferioridade e de impotência radical, Jó se sente como que entregue à pura arbitrariedade: "Se eu fôsse inocente, Deus me declararia perverso" (9,20), e não haveria tribunal nem juiz para provar o contrário. Com Deus não adianta discutir. "Deus não é um homem como eu, a quem eu possa responder, com quem eu possa comparecer na justiça, pois não há árbitro entre nós que ponha sua mão sobre nós

dois" (9,32-33). "Tenho certeza de ser condenado. O que me adianta cansar-me em vão? Por mais que me lavasse na neve, Tu me atirarias na imundície" (9,29-31).

Deus "ri-se do desespero dos inocentes. A terra está entregue na mão dos maus, e Ele cobre com um véu os olhos de seus juizes! Se não é Ele, quem é pois que faz tudo isso?" (9,23-24).

Esse é o Deus com o qual Jó se vê confrontado no meio do seu sofrimento. Solução fácil seria "esquecer a queixa contra Deus, abandonar o ar triste e voltar a ser alegre" (9,27), acomodar-se à situação, considerar-se culpado, consentir no que diz a tradição e desistir de discutir com Deus. Mas é exatamente isso que Jó não quer, pois é aqui que está a causa geradora de todo o seu conflito interior: "Se decido esquecer minha queixa contra Deus, temo por todos os meus tormentos, sabendo que Tu não me absolverás" (9,27-28).

Está em questão a inocência de Jó. Todos conspiram com Deus em condená-lo. Só uma única voz se levanta em defesa e tem a coragem de dizer o contrário. É Jó mesmo, ele e a sua consciência: "Inocente! sim, eu sou; pouco me importa a vida, desprezo a existência" (9, 21). "Em lugar de me condenar a mim mesmo, direi a Deus: "mostra-me por que razão me tratas assim? Encontras prazer em oprimir? Em renegar a obra de tuas mãos? Em favorecer os planos dos maus?" (10,2-3).

PARA DEFENDER A DEUS, MENTE-SE

Jó tem tédio à vida e vai dar livre curso ao seu lamento (10,1). Vai dizer tudo que depõe contra Deus, esse Deus, tal como ele e os amigos o enxergam.

"Terás olhos de carne, ou vês as coisas como as vêem os homens, ... para que persigas o meu pecado e procures a minha culpa, quando sabes que não sou culpado e que ninguém pode salvar-me de tuas mãos?" (10, 4.6-7). Deus parece ser a personificação da arbitrariedade do poder autoritário: "Tuas mãos me fizeram e me formaram. Mudaste de idéia? Agora me está destruindo. Não cessas de desfaldar contra mim teu estranho poder" (10, 8.16).

Jó tomou consciência da horrível dominação que a imagem tradicional de Deus exerce sobre ele e sobre o povo. Já não suporta mais, reage e contesta. Os amigos, porém, se escandalizam com a fala de Jó. Jó "pretende sondar as profundezas divinas, atingir a perfeição do Todo-Poderoso" (11,7). Mas isso é impossível. O homem deve respeitar a sabedoria de Deus que o ultrapassa (11,8-12). Deus descobre ini-

qüidade, onde o homem nada descobre (11,11). Por isso, ninguém tem o direito de contestar Deus e de impedir a ação da sua justiça (11, 10). Jó, é melhor você voltar o coração para Deus, estender para êle os braços, afastar de tuas mãos o mal e não abrigar a iniquidade debaixo da sua tenda (11,13-14). Essa é a voz da tradição que, para defender a Deus, conta mentiras sobre a vida humana (13,7).

A PROCURA DE NOVOS CAMINHOS

Jó começa a perceber que não é Deus que mantém a vida humana na angústia. Não é Deus, que oprime a sua existência. Mas é a imagem que os homens dêle fizeram. É preciso desmascarar a falsidade dessa tradição. Destruir aquilo que conta e defende a respeito de Deus, para permitir ao homem uma vida feliz, mesmo no meio do sofrimento. Jó passa ao ataque direto contra a sabedoria ostentada pelos seus três amigos, que encarnam a tradição.

"Vocês são mesmo gente muito hábil. É com vocês que vai morrer a sabedoria. Eu também tenho uma inteligência para pensar, como vocês. Não lhes sou em nada inferior. Como é que haveria de ignorar aquilo que vocês sabem? Mas vocês, meus amigos, escarnecem daquele que invoca Deus para que êle lhe responda. E zombam do justo e do inocente. "Desgraça, para o infeliz!", êsse é o modo de pensar dos que passam bem na vida. Não têm senão desprezo para aquêle cujo pé fraqueja" (12,2-5).

Tudo que os amigos sabem a respeito de Deus, Jó também o sabe. "Aquilo que vocês sabem, eu também sei" (13,2). Mas Jó não discute idéias. O fundo do seu problema não é com os amigos. "É com o Todo-poderoso que eu desejaria falar, é com Deus que eu desejaria discutir" (13,3). Já não acredita naquilo que se afirma sobre Deus. Aquilo não pode ser verdade: "Vocês não passam de uns impostores. São médicos que não prestam para nada. Se pudessem ao menos guardar o silêncio! É a única forma de sabedoria que convém a vocês" (13, 4-5).

A tradição, além de contar mentiras sobre a vida humana, impede que outros procurem novos caminhos. Isso não pode continuar assim: "Calem a boca! Deixem-me! Quero falar. Aconteça depois o que acontecer" (13,13). Com uma audácia que desnorteia, Jó põe de lado os amigos e se coloca, sozinho, frente a Deus. "Sei que êle me pode matar, mas eu já não tenho mais nada a esperar a não ser poder justificar e defender a minha causa diante dêle. E é exatamente nisso que eu encontro a solução do meu problema, pois um ímpio jamais ousaria comparecer assim na sua presença" (13,15-16).

E aos amigos Jó lança esta acusação: "Então, vocês pensam poder defender a Deus, contando mentiras? Será preciso enganar os outros, para favorecer a causa de Deus? É assim que vocês pensam tomar partido a favor de Deus e constituir-se os seus advogados? Será que não seria bom que Êle os examinasse? Será que poderiam brincar com Êle, como estão brincando com a vida humana? Êle não deixaria de castigá-los por essa parcialidade. Então, vocês não têm nem um pouco de medo diante da sua majestade? Os velhos argumentos de vocês são razões de poeira. As suas respostas, respostas de barro! Por favor, calem a boca! (13,7-13).

PALAVRAS QUE SOAM BLASFEMIAS

Jó vai agora pelo caminho que escolheu, sozinho. Vai enfrentar Deus diretamente. Decide intimar Deus abrir um processo:

"Estou pronto para defender minha causa, sei que sou eu quem tem razão. Chama por mim, e eu te responderei; ou, então, falarei eu, e tu me responderás. Quantas faltas e pecados cometi eu? Dá-me a conhecer minhas faltas e minhas ofensas. Por que escondes de mim a tua face? E por que me consideras teu inimigo?" (13,18.22-24).

Assim a discussão se prolonga. Atingiram a raiz do problema. Atravessaram a terra da existência e estão frente a Deus, cujo rosto misterioso não conseguem decifrar. No entanto, atrás dêsse rosto impassível, está a chave do mistério da dor que os abate. Os amigos não querem que se vá em frente. Querem impedir o avanço de Jó. Jó não desiste e vai em frente. Suas palavras soam como blasfêmias aos ouvidos dos outros. Pouco se importa. Se não se resolver o problema de Deus, jamais resolver-se-á o problema da existência humana. A vida do homem seria pior do que a vida de uma árvore (14,7-10). Nessa escuridão, em que não se sabe o porquê das coisas que acontecem, não é possível viver uma vida feliz, nem mesmo a morte estaria livre do olhar dêsse rosto impassível (14,13-14).

Jó chegou à margem do desespero. Não tem mais nada a perder. Por isso criou coragem, para fazer o que estava fazendo. Com êle começou a abrir-se um novo caminho na vida humana, caminho de esperança.

JÓ GANHA A BATALHA

O debate continua. Depois que cada um dos três amigos falou, êles voltam de novo, procurando desfazer os argumentos de Jó. No fim aparece um quarto amigo, jovem, que constata: "Ninguém refutou Jó. Ninguém respondeu aos

seus argumentos" (32,12). Mas nem o jovem concorda com Jó. Por outras vias, ele também se defende contra os argumentos da consciência.

De todas as maneiras, a tradição procura refutar os argumentos da consciência, mas não o consegue. Esta já não se deixa enquadrar nos esquemas dos "velhos argumentos". Sente-se livre, até para enfrentar o próprio Deus. O seu único argumento é a sua inocência e a sua absoluta sinceridade.

Terminado o debate dos homens sobre Deus, Deus mesmo aparece e se faz presente com a sua sabedoria e poder. É a hora da verificação. Uma longa descrição das maravilhas de Deus na natureza precede a resposta final de Jó:

"Sei que podes tudo. Nada te é impossível realizar. Era eu que obscurecia a tua sábia disposição das coisas, com discursos destituídos de sentido. Era eu que falava sem inteligência das maravilhas que me superam e que eu não conheço. Mas é que eu te conhecia apenas por ouvir falar de ti. Agora, porém, meus olhos te viram. Por isso, eu retiro as minhas palavras e arrependo-me sobre pó e cinza" (Jó 42,2-6).

Jó ganhou a batalha. Conseguiu encontrar-se com Deus. Ter experiência d'Ele. Penetrar atrás daquele rosto impassível que o esmagava. Descobriu que a idéia que ele formara a respeito de Deus não era correta. Tinha razão em contestar as palavras dos três amigos. Uma imagem de Deus, recebida do passado por ouvir falar, se desfez. Caiu em pedaços. Uma no-

va imagem de Deus nasceu, na mente de Jó, a partir da sua própria experiência. Voltou a paz. Jó percebera que a sua luta não foi contra Deus, mas contra as idéias erradas que os três amigos espalhavam sobre Deus.

Tudo se reorganizou e se reintegrou, a partir daquele momento, em torno do reencontro amigo com Deus. A paz voltou. Também Jó fez uma séria revisão da sua maneira de encarar a Deus. Era exatamente isso que ele procurava, sem saber como fazê-lo. Deus mesmo se fez presente, mostrou o seu verdadeiro rosto e o ajudou, assim, a recompor os traços do rosto, desfigurado pela tradição dos três amigos.

No fim, o pano cai. O narrador volta e pronuncia o veredicto: os amigos de Jó perderam a discussão. Pensando defender a Deus, d'Ele não falaram corretamente. Jó que atacava a imagem de Deus, esse, sim, falou corretamente sobre ele (42,7).

O drama apresentado no livro de Jó é o drama permanente gerado pelo conflito entre revelação e realidade. Revelação, tal como está encarnada nos pensamentos da cultura humana. Realidade, tal como se apresenta, em cada época, à consciência dos homens, questionando a validade das coisas do passado. Nesse conflito todo, quem conservou os valores da tradição, foi Jó. Os amigos ficaram com a casca apenas. Jó soube penetrar através da casca e encontrar o amigo de cuja amizade jamais duvidara.



LIBERTAÇÃO PLENA

A catequese atual deve assumir totalmente as angústias e esperanças do homem de hoje para oferecer-lhe a possibilidade de uma libertação plena. Medellín.



A vida religiosa é um projeto de existência cristã no máximo de suas possibilidades.



RESSURREIÇÃO: PORTA PARA O FUTURO ABSOLUTO

A ressurreição é o núcleo central da fé cristã. A vida e o sem-sentido da morte têm um sentido certo que chega, com este acontecimento, à plena luz. Com a ressurreição de Cristo abriu-se para nós uma porta para o futuro absoluto e uma esperança inarrraigável penetrou no coração humano.

A EXPERIÊNCIA DE DEUS

“Se vocês não tiverem fé, não vão poder subsistir” (Is 7,9). O rei Acáz, desanimara diante da situação desesperadora do povo. Chegara ao ponto de matar o próprio filho, fazendo-o passar pelo fogo, em sacrifício ao Deus Moloch (2 Rs 16,3). Matou aquele que devia sucedê-lo no governo do país. Privou, assim, o povo da esperança de ter sempre um sucessor no trono de Davi. A promessa, feita por Deus a Davi, já não podia realizar-se (2 Sam 7,12-16). A falta de

visão e de fé e a falta de coragem de olhar um pouco mais longe no futuro, um pouco mais além da situação arrasadora do momento, fizeram o rei perder-se no imediato. Perdeu a fé, perdeu a esperança. Morreu o motor. Parou na estrada. O motor do povo era a sua fé em Deus.

Nessa ocasião dramática, aparece o profeta Isaías. Desafia rei e povo. Ou fixamos a vida em Deus, como se fixa um prego na parede, ou não teremos firmeza alguma e

NOS PROFETAS

**A certeza “Deus conosco”
faz do homem
do povo, um homem
de Deus, e do homem
de Deus, um homem do Povo.**

**A experiência “Eu pertencço ao Deus
do Povo” é, ao mesmo tempo,
a experiência de “Eu pertencço
ao povo de Deus”.**

seremos quebrados todos. “Se vocês não tiverem fé, não vão poder subsistir” (Is 7,9). Acáz podia ter matado a esperança, matando o filho, mas Deus era maior do que a falta de fé de um homem. Isaías lança um desafio, para ver se recuperava o rei. Mas o rei já não tinha coragem (Is 7,10-12). Então, Isaías faz ouvir aquelas célebres palavras: “A virgem vai conceber, vai dar à luz um filho, seu nome será Emanuel” (Is 7,14). Emanuel quer dizer “Deus-conosco”. A falta de fé de um homem não iria provocar o afastamento de Deus. Deus permaneceria “Deus-conosco”. Continuaria presente, mais do que nunca. O futuro continuava aberto, porque um sucessor haveria de nascer para ocupar o trono. Ninguém consegue derrubar e fechar o futuro do povo que Deus conduz.

Mais tarde, bem mais tarde, os fatos mostraram todo o conteúdo dessa palavra profética, nascida de Deus. Quando Cristo nasceu da virgem Maria, dando continuidade à ação de Deus e fazendo chegar o futuro, cuja porta Isaías manteve aberta, realizou-se plenamente aquilo que foi dito: "A virgem vai conceber, vai dar à luz um filho, seu nome será Emanuel, isto é, Deus conosco" (Mt 1,23).

Há uma continuidade na ação de Deus através da história. Certos homens, os profetas, a percebem e a anunciam. Eles, assim, se constituem como que os postes que carregam o fio da existência, e levam a luz da palavra e a força do Espírito até às casas do povo.

A FÉ EM ALGO DE PERMANENTE

Um povo desanimado geme no exílio. De uma vez, perderam tudo, tudo que servia de apoio concreto à fé: o templo, o culto, os sacrifícios, o rei, a independência, a liberdade, a terra. Deus foi derrubado. Não teve força suficiente, para defender o seu povo. O deus da Babilônia era mais forte. Não lhes restava outro remédio senão o de aceitar os fatos: acomodar-se, arranjar-se na vida e seguir a bandeira do deus vitorioso. Continuar na barca da fé antiga seria o mesmo que decretar a própria morte. Não havia mais jeito. A fé esvaziou-se na sua raiz. Já não era uma ou outra verdade que se negava, não era o conteúdo do "Credo" que se questionava.

A crise era muito mais profunda. Era o próprio Deus que desaparecera. Ele que dava vida e consistência ao conteúdo da fé. Já não se via mais nenhum traço do seu rosto. As verdades da fé estavam tôdas aí, mas sem vida, letra morta no papel, como ramos cortados da raiz, sem utilidade para a vida. Cheque sem fundo e sem comprovante. Um deserto sem fim abria-se pela frente. No horizonte, não havia nenhuma palmeira a indicar a presença de água.

No meio dessa prostração existencial, um homem mantém a fé de que a Palavra de Deus, uma vez dada, permanece para sempre (Is 40,8). Aprendera de Abraão que não se deve transferir o apoio da fé daquele que fala para aquilo que Ele fala e realiza. Não se fixou no templo, nem no culto, nos sacrifícios, no rei ou na terra — formas transitórias apenas de se viver a fé em Deus. Fixou-se em Deus e tinha fé de que esse Deus que desaparecera da vida, haveria de voltar um dia, vitorioso, como o rei que volta, após a batalha, vitorioso, levando consigo os despojos (Is 40,9-11).

O julgamento do povo em dizer que Deus fôra derrotado e que o abandonara, foi um julgamento precipitado. Deus supera tudo! As nações, inclusive a poderosa e vitoriosa Babilônia, valem um "grão de poeira na balança de Deus, uma gota de água no bordo do balde" (Is 40,15). "Por que dizer: Escapa ao Senhor o meu destino, meu direito a Ele não interessa? — Então, ainda não sabes? Ainda não aprendeste? O Senhor é um Deus eterno. É Ele que cria o universo inteiro, sem jamais cansar-se nem aborrecer-se. Ninguém pode sondar a sua sabedoria. É Ele que dá forças ao homem cansado, redobra o vigor do fraco. Até os jovens podem ficar esgotados. A força da juventude pode cambalear. Mas aqueles que contam com o Senhor renovam as suas forças. Ele lhes dá asas de águia. Marcham sem se cansar. Vão na frente sem se fatigar" (Is 40,27-31).

A voz de um homem superou o desânimo. É verdade que muitos se acomodaram e perderam a fé, durante o exílio. Um "resto", porém, ficou fiel, graças à fé desse profeta que soube comunicar a sua descoberta de Deus aos outros, reanimar assim o povo e dar continuidade à ação divina, que parecia emperrar no marasmo da falta de fé. A fé do homem é o inverso da medalha. No outro lado está escrito: poder de Deus. Por isso, provocou-se aquele milagre de renascimento espiritual do povo, no fim e depois do exílio.

UMA FONTE SECRETA

São apenas dois episódios, um do tempo do rei Acáz, outro do fim do exílio. Assim há dezenas de outros nos livros proféticos. São dois episódios significativos que nos abrem uma janela sobre a experiência que os profetas tiveram de Deus.

Num momento histórico, em que o horizonte parecia fechado, em que os recursos humanos estavam no fim, êsses dois homens, um conhecido, outro anônimo, souberam descobrir uma reserva de energia e de coragem, como se não existisse nenhum desânimo nem desalento. Algo de novo nasceu que o meio-ambiente não explica. Tiraram conclusões e apresentaram esperanças que ultrapassavam as premissas dadas da situação histórica. Uma fonte secreta brotou, contagiando o resto do povo com uma nova vida.

No subsolo da alma do povo, corre uma água subterrânea que aflora na superfície através da consciência desses profetas. Eles assim irrigam o chão árido da vida e o preparam para nova colheita. O povo, querendo ou não, nêles se reconhece, pois deles recebe de volta, de ma-

neira clara, o que vagamente adormece na alma de cada um.

Os profetas são homens que sabem que no fundo, na raiz da consciência do povo, existe uma tomada que tem força suficiente para iluminar a rede da vida e para acionar a vitalidade do povo. Levando consigo o soquete da vida, mergulham de cheio nessas profundezas da tradição do povo, na escuridão da consciência obnubilada, à procura dessa tomada. Colocam o soquete e iluminam assim a vida com a luz que produzem.

PROFETA: HOMEM DO DEUS DO POVO

Do profeta já se deram muitas definições. Aquilo, porém, que talvez mais o caracteriza é "Homem de Deus e Homem do Povo". É na confluência desses dois aspectos que se situa a experiência básica que está na origem da vocação e da missão profética. É na junção desses dois fios, feita na indivisibilidade da consciência de um homem, que salta a faísca da revelação e do apelo de Deus.

Na origem da vocação profética está uma experiência de Deus. Muitos deles relatam uma tal experiência geradora da sua missão, que, às vezes, é chamada visão inaugural. Na maneira de eles falarem da sua experiência de Deus, percebe-se que essa experiência tem a ver com a sua situação no meio do povo. Pode-se dizer que experimentam Deus como sendo o "Deus do Povo" e que experimentam, ao mesmo tempo, o povo como sendo o "Povo de Deus". Percebem o chamado de Deus, através de uma percepção clara da sua própria situação pessoal dentro do povo.

A experiência "Eu pertenço ao Deus do Povo" é, ao mesmo tempo, a experiência de "Eu pertenço ao Povo de Deus". A experiência de Deus faz com que nele culmine, numa consciência pessoal, a consciência que o Povo de Deus deveria ter de si mesmo. A percepção clara do Deus do povo leva o profeta a ter uma percepção clara daquilo que deveria ser a vida do Povo de Deus. Sente o seu compromisso com Deus e, por isso mesmo, sente o seu compromisso com o Povo. Sente o seu compromisso com o Povo — porque é do povo — e, por isso mesmo, sente o seu compromisso com Deus. Sente que já não pode mais calar-se.

A experiência é tão forte e imperiosa, que já não deixa dúvidas. Ela traz consigo a sua própria evidência e confere ao profeta uma autoridade e uma liberdade para falar, que ninguém consegue desfazer. Fala com autoridade

LIVROS RECEBIDOS

EDITORA VOZES LTDA.
RUA FREI LUÍS, 100
CAIXA POSTAL, 23
PETRÓPOLIS — RJ

CATOLICISMO E LIBERDADE. A consciência individual critério inviolável, IDO-C-5, 1971. Páginas: 315.

RENOVAÇÃO CRISTÃ, junho 1971.

RENOVAÇÃO CRISTÃ, julho 1971.

REB, Revista Eclesiástica Brasileira, março 1971, volume 31, fascículo 121.

CONCILIUM, revista internacional de teologia, n.º 56, 1970/6: Problemas de fronteira.

COMO DESCOBRIR E CURAR NEUROSES, Harry Guntrip, 1971. Páginas: 207.

Inúmeras vezes temos e teremos oportunidade de encontrar pessoas que sofrem dos "nervos". Inúmeras vezes também já ouvimos alguém dizer-nos ou dissemos a outros: "você não tem nada, São apenas os nervos. Você se preocupa demais consigo mesmo. Controle-se."

Estas frases banais e perniciosas levam o paciente dos nervos a perder a confiança no médico, sacerdote, amigo ou conselheiro. Somente a verdade e a reta compreensão dos distúrbios "nervosos", que são doença real, podem auxiliar de maneira profícua. Este livro, escrito pelo psicoterapeuta e professor do Departamento de Psiquiatria da Universidade de Leeds, Inglaterra, Dr. Harry Guntrip, é de uma singeleza e ternura notáveis. Apenas o homem que compreende e sente o outro como criatura humana pode escrever em termos científicos e tão encarnados.

Existem muitos livros sobre assuntos e temas da psicologia, mas existe apenas um tão humano, tão sincero e tão acessível. Em vez de agir precipitadamente no trato com pessoas "nervosas", melhor seria ler este livro, estudar e memorizar o que este grande terapeuta diz, e sem dúvida, você evitará possíveis neuroses suas e será um amigo inteligente quando a ocasião se apresentar.

MANIPULAÇÕES DO CÉREBRO HUMANO, Paul Overhage, 1971. Páginas: 140.

O desenvolvimento da tecnologia aumenta o poder de manipulação do nosso cérebro. Quem vencerá a luta: nós ou os instrumentos que criamos?

IGREJA EM TENSÃO, Atico Fassini, José Assan Alaby, Fidélis Verring, Miguel Popoaski. 1971. Páginas: 85.

LIBERDADE E DIALOGO EM EDUCAÇÃO, Hubert Lepargneur, 1971. Páginas: 300.

e liberdade, porque fala em nome de Deus e em nome do Povo. E ele sabe disso. Tem consciência de estar falando em nome de Deus e do Povo.

Sua vocação situa-se lá onde está o coração do povo. É gerada pela aliança que existe entre Deus e o Povo, aliança pela qual Deus quis ser o Deus do Povo e que fez do povo, o Povo de Deus. Vejamos alguns exemplos.

A PREFERÊNCIA DE ALGUNS

ISAIAS, estando no templo, tem uma visão de Deus. Uma percepção nítida da majestade e do poder inatingível de Deus o invade: "Santo, Santo, Santo é o Senhor dos Exércitos. A terra toda está cheia de sua glória" (Is 6,3).

Imediatamente, o profeta toma consciência da sua própria posição dentro do povo: "Ai de mim! Estou perdido, porque sou um homem de lábios impuros, e convivo com um povo também de lábios impuros" (Is 6,5). É dessa experiência fundamental que nasce a consciência da sua missão profética. Toda a sua atividade é marcada por essa visão da santidade divina, com a qual contrasta a vida do povo.

JEREMIAS, descreve duas estranhas visões que estão no início da sua ação profética. Viu uma caldeira fervente entornar o seu conteúdo e viu um ramo de amendoeira, cujo nome, em hebraico, é parecido com "vigilante". A amendoeira e a caldeira, de repente, tornam-se transparentes e a elas se associa, na cabeça de Jeremias, a situação desastrosa do povo: Deus é vigilante e vela para que a sua Palavra se cumpra. Ele vai entornar o caldo sobre o povo infiel (Jer 1,11-14).

É isso que Jeremias deve anunciar. É essa a sua função dentro do povo. A percepção clara dessa sua missão junto ao povo e junto aos povos o faz perder a fala. Fica gago, sente-se menino (Jer 1,6). Mas Deus o previne. Nada de medo, pois, Eu estou com você (Jer 1,17-19). Apesar da sua resistência, Jeremias não conseguiu resistir. Deus o **seduziu** e o **dominou** (Jer 20,7), pela sua atração irresistível (Jer 2,2). Jeremias teve que ir, e foi com gosto, apesar do sofrimento. Aliás, contra Deus, nem adianta querer reagir (Jer 20,9).

OSÉIAS descobre Deus e o seu apêlo, quando confronta a sua situação familiar com a situação do povo. No texto escrito deste profeta, já não se distingue o que é da vida familiar e o que é da vida do povo. Perdêram-se os contor-

nos precisos entre as duas vidas. Uma se confunde com a outra.

AMÓS, caboclo do interior de Judá, vendo a exploração do povo pobre e simples, sente nele amadurecer uma convicção de que isso não está de acordo com o que Deus quer. Ruminando esse problema, tudo começa a ser apêlo de Deus à sua consciência: uma praga de gafanhotos, a queima do sertão, o pedreiro que alisa o rebôco na parede (Am 7,1-7), um cesto de frutas maduras (Am 8,1-3). No fim, ele percebe com clareza a sua missão: deve deixar a sua terra e ir falar ao povo, em nome de Deus (Am 7,14-15; 3,8). Era Deus que lhe dizia: "Vai! Profetiza ao meu povo de Israel!" (Am 7,15).

EZEQUIEL, homem visionário e estático, descreve, em estranhas visões, o que de Deus experimentou na sua vida. A sua experiência de Deus tinha a ver com a sua situação dentro do povo. Tinha de ser "sentinela na casa de Israel" (Ez 3,17). Quando percebeu todo o alcance desta sua missão junto ao povo, caiu por terra e perdeu a fala (Ez 3,23.25-27).

COMPROMISSO DE DEUS: ESTAR COM O POVO

O profeta, homem de Deus e do Povo, vai e fala. Diz o que tem a dizer. Não tem outra proteção a não ser aquela da sua própria consciência, onde se instalou a certeza que nada e ninguém consegue vencer; onde uma vez ressoa: "**Eu estarei com você!**" (Jer 1,19; Ex 3,12). Outra garantia, Deus não a oferece. A certeza da presença amiga de Deus na sua vida deve ser o suficiente para o profeta fazer dentro de si uma síntese interior com a qual possa enfrentar tudo, mesmo a morte.

Esta certeza interior, porém, não tira as incertezas e as angústias, os sofrimentos e as tentações, as contestações e as contradições, inerentes à missão profética. Isso depende muito do caráter e da estrutura pessoal de cada um. Cada um tem a sua sensibilidade, mais ou menos aguda, que reage diante das contrariedades que encontra no caminho.

Amós, por exemplo, reage com o realismo e o bom senso do caboclo, que desconhece dúvidas e perplexidades. Isaías parece ter sido um aristocrata equilibrado, bem seguro de tudo que fazia. Ezequiel, visionário e poeta, deve ter sofrido demais com a sua vocação, como o comprovam os seus estados de alma. Jeremias, ao que tudo indica, foi um homem meigo e pacato, que viveu num sofrimento horrível, devido à missão que teve de realizar. Chegou ao ponto

de amaldiçoar o dia do seu nascimento (Jer 20,14). Um estudo psicológico do caráter de cada profeta poderia oferecer elementos para se conhecer melhor o alcance da vocação divina na vida de um homem.

A certeza interior, expressa na palavra: "Eu estarei com você!" ou em outras formas equivalentes, é exatamente o ponto onde a consciência do povo conflui e desabrocha na consciência pessoal de um homem. É o ponto onde o "Homem de Deus" se torna "Homem do Povo", e onde o "Homem do Povo" encontra o Deus do povo, para tornar-se "Homem de Deus".

Esta certeza de Deus, expressa no nome que Deus deu a si mesmo, Javé, é a água subterrânea no subsolo da alma do povo, que o profeta descobre, bebe e traz à superfície. É a certeza que está na origem do povo como Povo: a certeza de que o Deus deles é um Deus-conosco, Emanuel. Deus assumiu o compromisso de estar com o povo, quando decidiu libertá-lo do Egito, e exprimiu esta sua vontade num nome novo, Javé (Ex 3,13-15).

Este nome estabelece as normas do relacionamento entre Deus e seu povo: presença e soberania. Em termos bem nossos, isso soaria: "Estou mas vocês não me pegam nem me dominam, a não ser dando crédito à minha palavra que afirma a minha presença soberana. Nesse caso, eu me vejo obrigado a atender vocês, porque vocês me estão levando a sério".

Haveria muita outra coisa a dizer sobre os profetas, sobre a sua atuação e crítica, sobre a esperança que provocaram, sobre a fé que alimentaram, sobre o futuro que descortinaram, sobre o Messias que anunciaram, sobre o sofrimento que suportaram, sobre as verdades que revelaram, sobre os desvios que contestaram. Tudo isso, porém, são galhos que nasceram desse tronco: a certeza do Deus-conosco.

Para os profetas, Deus deixou de ser uma idéia, um rito ou uma simples prática de vida. Tornou-se alguém que incidia profundamente sobre a vida do povo. Tudo o que fazem é aduzido como prova de que Deus é realmente o Deus do povo; presente no meio deles para salvar, e de que o povo é o povo de Deus, encarregado de ser sinal desse Deus.



ORAÇÃO

Será alguma coisa que eu faço? Ou: é a própria qualidade do que eu faço? **Kevin Maguire, OSB**



De ninguém se pede que volte atrás, mas que acerte os passos.



RENOVAR-SE PARA NÃO MORRER

Embora não existam, provavelmente, duas análises semelhantes da problemática de nosso tempo, todos os esforços de compreensão têm um denominador comum: apontam para o caráter de transição dos dias de hoje. Estamos em um corredor da história, na passagem de uma civilização para outra. Esta constatação tem um corolário inevitável: estacionar significa propriamente morrer.

A capacidade de adaptação, a dose de flexibilidade, é o indicador invariável das tentativas bem sucedidas e das que estão condenadas a morrer. Nenhum plano da realidade está imune a este desgaste do tempo. Também a vida religiosa enfrenta este desafio. Também ela está obrigada a renovar-se para não morrer.

FALA

AOS RELIGIOSOS

D. HUMBERTO MOZZONI
Núncio Apostólico, na abertura
da IX Assembléia Geral da CRB

Queridos Irmãos, queridas irmãs:

É para mim um profundo prazer encontrar-me com os representantes responsáveis dos Religiosos e das Religiosas de nosso querido Brasil.

Após a Exortação Apostólica que o Santo Padre recentemente dirigiu a tôdas as Comunidades Religiosas do mundo sôbre a renovação da vida religiosa segundo as diretrizes do Concílio Vaticano II, seria presunção de minha parte proferir palavras de incitamento a pautar-nos firmemente e sempre mais profundamente sôbre os princípios e as determinações que devem seguir e reger a vossa vida.

Portanto, como um bom amigo, limito-me a abrir-vos rapidamente o meu coração, com a lealdade e a sinceridade que, presumo, me distinguem.

Sigo com atenção e, infelizmente, com massacrante labor, a evolução e o desenvolvimento da vida religiosa: conclusões de capítulos e de seminários, experiências, publicações e estudos. Existem, sem dúvida, tensões reais, mas superam-nas as artificiais, fruto o mais das vêzes de personalismos e de mimetismo do estrangeiro.

Quando temos confiança no futuro da vida religiosa, não podemos resolver os problemas com uma revolução total, que faria saltar todo o nosso passado, sem dar-nos uma segurança para o nosso porvir.

Devemos ao invés ter a coragem de manter-nos verdadeiramente jovens, mesmo se temos os cabelos brancos, na fidelidade ao nosso passado e na fidelidade ao espírito e às finalidades pelas quais as nossas Instituições surgiram: **nova et vetera.**

Em tal caminho se nota a necessidade de evitar dois perigos que vêm à tona aqui e ali:

1. Fiéis, como disse, às nossas Instituições, nas quais fomos chamados por Deus a realizar o nosso destino, é nosso dever superar a subtil tentativa de massificação horizontal, feita em nome de uma pretensa exigência dos tempos modernos: êstes mudam com rapidez e nós devemos ficar ancorados e firmes no espírito do essencial imutável.

2. Brasileiros e não nacionais — não digo estrangeiros, porque na Igreja ninguém o é e tanto menos nas Instituições religiosas — podemos tomar e assimilar do exterior tudo quanto corresponde verdadeiramente às nossas condições, às nossas necessidades e à mentalidade do nosso povo. Tal discernimento é absolutamente necessário, e será profícuo, se respeitarmos verdadeiramente o pluralismo das opiniões, como também a consciência e a delicadeza do sentimento das nossas abnegadas, heróicas religiosas.

Se conseguirmos fazer isto, talvez dentro de uns dez anos — o caminho é longo e difícil mais do que parece — os nossos conventos poderão tornar-se de nôvo centros de espiritualidade exemplar, e de sérias e corajosas experiências: centros de integração para a formação de novas comunidades de base e de paróquias ideais, centros de atração para a juventude idealista, que sonha uma vida de sacrifício e de doação total, centros onde a obediência, que é união à que fêz suar sangue a Cristo Nosso Senhor e o levou a morrer na Cruz, se irradia ao povo, como virtude social de disciplina moral; a pobreza ilumina os caminhos para realizar no mundo a justiça; e a castidade eleva e santifica o amor humano.

Muito obrigado!

A EXPERIÊNCIA DE DEUS NO APÓSTOLO SÃO JOÃO

É difícil penetrar na intimidade da vida de alguém, levantar o véu do mistério que a envolve e descrever aquilo que se passa entre ele e Deus. Isso se torna mais difícil ainda, senão impossível, quando esse alguém nos é conhecido apenas por um ou outro escrito que deixou: um evangelho, algumas cartas e, provavelmente, o Apocalipse. É um fio demasiadamente frágil, para se vencer com ele a distância dos anos e estabelecer uma real comunicação entre os dois interlocutores, ele e nós.

Além disso, esses escritos de São João chegam até nós enriquecidos por uma longa tradição e envolvidos pelos comentários que outros fizeram antes de nós. Os escritos de São João já não pertencem exclusivamente a João. Pertencem também aos cristãos que neles encontraram uma expressão de si mesmos e que agora os lêem, interpretam e transmitem, como sendo o espelho fiel da sua fé e da sua experiência de Deus.

QUEM PERMANECE NO AMOR, PERMANECE EM DEUS

Finalmente, ao falarmos da experiência que o apóstolo São João teve de Deus, abre-se, ao mesmo tempo, dentro de nós, todo um registro de perguntas que hoje fazemos, em torno a esse mesmo assunto.

Com efeito, hoje, muita gente se coloca o problema de Deus e vive preocupada, querendo encontrar Deus em algum ponto desconhecido da estrada da sua vida. Por isso, não é possível separar aquilo que João conta sobre a sua experiência de Deus da pergunta que hoje levantamos a esse mesmo respeito. Quando alguém procura saber como São João se encontrou com Deus, ele leva consigo essa

concha acústica das nossas perguntas sobre Deus. Estas acabam por envolver o apóstolo, como os bastidores envolvem o ator no palco. São João só consegue falar e fazer-se entender, hoje, sentado no palco, cujo cenário nós mesmos construímos com as nossas perguntas.

Dizemos isso, para mostrar o aspecto muito relativo das coisas ditas neste e nos outros artigos. A palavra escrita, já antiga, só readquire vida, sentido e eco, contra o pano de fundo da nossa própria experiência ou desejo de experiência. Sem a concha acústica destas nossas interrogações existenciais, a palavra do passado passaria por cima de nós, não nos atingiria, não reverberaria e se perderia no espaço. Ninguém a escutaria. Querendo ou não, na descrição que se faz da experiência que São João teve de Deus, ressoa igualmente algo do problema que os homens hoje sentem quando analisam o que outros experimentaram de Deus.

Por isso, os comentários mudam através da história, pois muda nos homens a forma concreta da pergunta a respeito de Deus que não muda. Ninguém consegue dar um relato realmente objetivo daquilo que foi vivido no passado, pois ninguém consegue nem pode prescindir dos próprios óculos, com os quais lê e estuda o passado. É como a corda e a caixa de ressonância. A caixa de ressonância somos nós que vivemos hoje. O escrito de João é a corda. A música é o resultado de ambos.

Procedendo dessa maneira, não fazemos outra coisa do que imitar o que o próprio São João fez. O seu evangelho, escrito setenta anos depois dos acontecimentos, relata não só o que aconteceu no passado, mas transmite igualmente o reflexo que esse passado provocava na vida dos cristãos no meio dos quais vivia. Descrevendo o que aconteceu, procurava esclarecer o que estava acontecendo.

O TEXTO DENTRO DO CONTEXTO DA VIDA

Tudo isso nos leva de cheio ao centro gerador do quarto evangelho, ou seja, nos conduz, direto, à experiência de Deus em Cristo que está na sua raiz. Orígenes definiu esse aspecto, dizendo que o evangelho de São João é o "Evangelho Espiritual".

Esta expressão não quer dizer que o quarto evangelho fala de coisas "espirituais", elevadas e piedosas. Mas indica que o seu conteúdo foi descoberto, sob a ação do Espírito Santo. João mesmo indica a fonte do seu evangelho, quando diz: "O Espírito Santo que o Pai vos há de enviar em meu nome, ele vos ensinará todas as coisas e vos trará à memória tudo o que vos disse. Muitas coisas tenho ainda a dizer-vos, mas não sois capazes de compreendê-las agora. Quando ele vier, o Espírito da verdade, vos fará compreender toda a verdade" (Jo 14,26; 16,12-13).

Esta compreensão ulterior e mais profunda, a ser concedida pelo dom do Espírito Santo, realizou-se pela ressurreição de Cristo (Jo 7,39). À luz de Cristo ressuscitado, vivo no meio da comunidade, abriu-se para os apóstolos uma nova janela sobre a realidade e começaram a compreender melhor o sentido das coisas ditas e feitas por Jesus Cristo (Jo 12,16; 2,22; 13,7).

As ondas provocadas na água pela pedra, quando bem analisadas, podem revelar algo sobre a pedra que já não se vê, mas cuja ação se percebe. Assim, a vida da comunidade, provocada pela fé em Jesus Cristo, pode revelar algo sobre este Cristo que já não se vê, mas cuja ação se percebe na vida renovada. É isso que São João faz. Não se limita a descrever o

aspecto exterior e material das palavras e ações de Jesus. Vivendo na comunidade, onde atua o Espírito de Cristo, que concede a vida nova, e sentindo de perto os problemas e as dificuldades dos cristãos, ele recebe óculos novos para sentir, ver e apreciar melhor o sentido e o alcance das palavras e ações de Jesus. Penetra através da letra e da história e atinge o seu sentido profundo, atual e permanente para o hoje e agora da comunidade na qual vive.

Isso supõe em João que escreve uma profunda vivência e experiência do mistério de Cristo e, ao mesmo tempo, uma profunda experiência humana da vida comunitária. É por tudo isso que se fala em "Evangelho Espiritual". Nasceu da ação do Espírito Santo, atuante na vida dos homens que acreditam em Cristo e que compõem a comunidade. À luz da Páscoa e do Cristo vivo, ele descobriu novos sentidos na vida de Jesus de Nazaré e na vida dos homens que viviam ao seu lado (Jo 2,22; 12,16; 13,7; 14,26; 16,12-13; 20,9). João estudou e analisou o texto dentro do contexto da vida que ele mesmo vivia com Deus. O ponto de referência para dar sentido às coisas relacionadas com Jesus Cristo não era só o passado, mas era também o presente que nasceu do passado.

No evangelho de São João, ressoa a voz de Cristo tal como ela ressoava na vida de fé do apóstolo e da comunidade à qual pertencia. Por isso, às vezes, nem é possível distinguir o que vem de São João e o que vem de Jesus. É uma verdadeira simbiose que se produziu sob a ação do Espírito, após longos anos de vivência e experiência.

ÂNGULO DE VISÃO FRENTE A CRISTO

Todo escritor, mesmo relatando fatos realmente ocorridos, emite uma opinião pessoal e interpreta os fatos por ele relatados, segundo a visão que ele mesmo tem das coisas. Essa interpretação, por vezes, é sutil e quase não se percebe, por ser subliminar. Vem junto com a apresentação do fato. O pensamento pessoal do autor, porém, aparece com clareza lá onde, abandonando o fio dos acontecimentos, tece umas considerações em torno a esses mesmos fatos.

Isso, João o fez, diversas vezes, nos seguintes textos: ♦ no prólogo que introduz a sua narração sobre Jesus Cristo (Jo 1,1-18); ♦ na conclusão que segue depois do diálogo de Nicodemos (Jo 3,16-21); ♦ na conclusão que descreve o resultado da ação de Jesus junto aos judeus (Jo 12,37-43); ♦ na conclusão final do evangelho onde descreve o objetivo que teve em vista (Jo 20,30-31).

Nestes quatro textos, aparecem, por assim dizer, os traços do rosto de Cristo que, de ma-

neira particular, chamaram a atenção do apóstolo. Aí aparece o pensamento pessoal de João e se revela o ângulo de visão que tinha ao colocar-se frente à pessoa de Jesus Cristo, vivo e presente na sua vida e na vida da comunidade. É aí que aparecem as linhas-mestras do seu livro. Esses trechos são como a estrutura, dentro da qual o autor coloca os fatos e as palavras de Jesus, como o pedreiro coloca os tijolos dentro do esqueleto de concreto do prédio em construção. Nestas quatro passagens, está a chave para a compreensão e a interpretação do resto do evangelho.

São três as idéias predominantes que ocorrem nestas quatro passagens:

1. Para o apóstolo São João, Jesus, na sua humanidade, é a revelação do Pai aos homens, para manifestar-lhes o caminho da salvação.

2. A tomada de posição dos homens frente à progressiva revelação que Jesus faz do Pai é, de um lado, a progressiva abertura na fé que termina na total aceitação, e, de outro lado, a progressiva recusa da incredulidade que termina no fechamento total. Conforme a atitude que os homens tomarem diante de Jesus, eles mesmos pronunciam o seu próprio julgamento, seja de salvação, seja de condenação.

3. A revelação do Pai em Jesus Cristo é infinitamente superior à revelação anterior do Antigo Testamento, da qual é a realização e o supremo coroamento.

Estas três idéias centrais do evangelho de São João são como três galhos que nasceram da mesma raiz, expressa e descrita, bem claramente, na abertura da sua primeira carta:

"Damos testemunho do Verbo da Vida: aquele que existia desde o princípio, que temos ouvido, que temos visto com os nossos olhos, que temos contemplado e que as nossas mãos têm apalpado. Porque a vida se manifestou, e nós a temos visto. É disso que damos testemunho. É esta vida eterna que vos anunciamos, vida que estava junto do Pai e se manifestou a nós. Aquilo que nós mesmos vimos e ouvimos, é isso que vos anunciamos, para que vós também possais ter comunhão conosco. E a nossa comunhão, é com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo. Tudo isso, nós o escrevemos para que a vossa alegria seja completa" (1 Jo 1,1-4).

Essa experiência que João teve e ainda tem de Deus, no momento de escrever o seu evangelho, experiência descrita como "comunhão com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo", constitui a maior riqueza e a grande "alegria" da sua vida. Já fazia mais de setenta anos que essa experiência irrompera na sua vida e que João tivera a oportunidade de ver, de ouvir,

LIVROS E REVISTAS RECEBIDOS

C S E O, Centro Studi Europa Orientale. Documentazione. Fatti di Chiesa nelle società socialiste europee. Centro Editoriale Dehoniano. Bologna. abril e maio de 1971.

BROTÉRIA, Cultura e Informação. Maio 1971, n.º 5; junho 1971, n.º 6.

E S P R I T, abril 1971, n.º 4; maio 1971, n.º 5; junho 1971, n.º 6.

EXTENSÃO RURAL, revista da associação brasileira de crédito e assistência rural, n.º 62, fevereiro 1971. Número 63, março 1971.

RENOVAÇÃO, boletim informativo do regional Sul 3 da CNBB e CRB, n.º 45, junho 1971; número 46, julho 1971.

ÉGLISE AUJOURD'HUI, n.º 327, abril 1971; n.º 328, maio 1971.

PRETRES DIOCESANS, maio 1971; junho-julho 1971.

ATUALIZAÇÃO, revista de divulgação teológica. Junho 1971. Editora O Lutador, Manhumirim, Minas Gerais.

LIMIAR, revista trimestral do Movimento Familiar Cristão, n.º 28, outubro 1970.

NUEVO MUNDO, Revista de Orientación Pastoral, n.º 38, abril 1971.

BOLETIN de la Conferencia de religiosos del Perú, mayo 1971.

CONFER, Conferencia española de religiosos. Publicación de Cultura y Orientación, n.º 34, volume 16, 1971.

SYMPOSIUM, revista da universidade católica de Pernambuco. Ano 12, n.º 2, 1970.

VERS LA VIE NOUVELLE, abril 1971.

CADERNOS CEAS, Centro de estudos e ação social, n.º 11, junho 1971. Dinâmica populacional do desenvolvimento. Uma visão a partir do Nordeste. Avenida Princesa Isabel, 9 — Salvador, Bahia.

NOSSO BOLETIM, órgão oficial da regional da CRB, São Paulo, junho 1971.

VIDA EN FRATERNIDAD, n.º 5, junho 1971. Boletín de la Conferencia argentina de religiosos.

RYTHMES DU MONDE, n.º 4, 1970. Bulletin des Missions.

EDUCACIÓN HOY, perspectivas latinoamericanas, Ano 1, n.º 2, marzo-abril 1971.

CIDADE NOVA, revista, junho 1971. Julho 1971.

de contemplar e de apalpar êsse Verbo da Vida. Mas, apesar da distância nos anos, ela nada perdera da sua novidade. Embora já antiga, era sempre nova, porque nôvo e presente era Deus em Jesus Cristo, na sua vida. Essa experiência de Deus está na raiz do seu evangelho e o levou a escrever. Ela lhe deu óculos novos para ver, de maneira nova, a vida, tanto a de Jesus Cristo, como a dos homens.

PASSADO E PRESENTE. REALIDADE E SIMBOLISMO

Escrevendo o seu evangelho, João descreve, à longa distância, o que aconteceu com Jesus, e descreve, à curta distância, o que estava acontecendo com êle mesmo e com os cristãos. Êle, por assim dizer, oferece critérios de como se deve refletir sôbre a vida de Jesus e de como se deve refletir sôbre a vida que se vive, a fim de poder captar em ambas aquilo que Deus nos quer dizer.

João descreve a história do passado, mas não é a história que detém o seu interesse. O que interessa é o leitor. Êste deve chegar a compreender que, também para êle, o Nôvo chegou; o Velho terminou, que a revelação do Pai em Cristo continua, embora invisível, também na sua vida (Jo 20,29). Deve tomar consciência do apêlo de Deus, existente na sua vida: Cristo lhe continua falando do Pai (Jo 16,25), anunciando a verdade (Jo 16,13). Deve compreender que chegou a hora de definir a sua posição frente a Deus, de crer em Jesus Cristo e de obter assim a vida (Jo 20,31). Não é mais possível a neutralidade (Apc 3,16).

Por isso, as pessoas que, no passado, cruzaram o caminho de Cristo, são apresentadas de tal maneira, que o leitor possa identificar-se com elas e descobrir, assim, a que ponto êle mesmo está na sua caminhada para Deus: se está se abrindo no amor e na doação, ou se está se fechando nos preconceitos e no ódio (Jo 3,19-21).

Dessa maneira, uma longa procissão de gente passa na frente de Jesus, gente de tôda a espécie, gente que viveu lá na Palestina e que já morreu, mas que, apesar de morta, continua viva, tanto nas pessoas que viviam em tórno de João, como em nós que vivemos hoje. Continua cruzando hoje o caminho de Cristo. Passado e presente aqui se misturam. Simbolismo e realidade se confundem. O passado perdeu os seus contornos exatos e permeia o presente.

Assim, a Samaritana, fechada dentro do seu próprio mundo e incapaz de entender a mensagem de Jesus, continua viva. Nicodemos, que pensava saber alguma coisa sôbre Jesus Cristo e que o classificou, na sua própria cabeça, como um "mestre enviado por Deus" (Jo 3,3), ainda não morreu, pois muitos procuram redu-

zir as coisas de Deus ao tamanho dos próprios pensamentos. E a procissão continua: João Batista, o mestre-sala na festa do casamento em Caná, os habitantes de Jerusalém, os vendedores do templo, os discípulos, os apóstolos, os fariseus, os samaritanos, o oficial do rei, o paralítico da porta das ovelhas, o povo, os saduceus, Pedro, Tomé, Marta e Maria, Judas, Pilatos, Maria, a mãe de Jesus, etc.

No confronto com Jesus Cristo, essas pessoas, tanto as do passado como as do presente, manifestam para fora o que nelas já existia. Revelam-se os sentimentos mais íntimos de cada um. Êsse é o julgamento de Deus, em pleno andamento (Jo 3,19-21; 7,16-17; 8,42-47; 12,47-49). Percebe-se que, entre a abertura da luz e o fechamento das trevas, há tôda uma gama de possibilidades, que vai da mais negra "escuridão", passando pela penumbra e pela aurora, até à claridade do meio-dia. É a luz da revelação e da verdade que dá ao homem consciência do que nêle existe (Jo 18,37). São as eternas reações do homem frente ao aparecimento da verdade na sua vida: fé ou incredulidade.

Pensando naquilo que aconteceu no tempo de Jesus, João percebeu melhor o que estava acontecendo ao seu redor. Vendo o que acontece ao seu redor, percebe melhor o sentido e o alcance daquilo que aconteceu no tempo de Jesus. O passado serve como instrumento de análise e de avaliação do presente, o presente é luz na análise e na avaliação do passado.

João não é o homem que se fixou na consideração do passado, do tempo em que êle mesmo andava pela Palestina, na presença de Cristo. Não absolutizou o passado, porque o Cristo continuava com êle.

O GRANDE SACRAMENTO DO PAI: JESUS

Outro aspecto dessa sua preocupação de revelar aos outros o que êle mesmo, João, experimentou e ainda experimentava, a saber, a dimensão de Deus nas coisas que aconteciam, transparece na sua maneira de descrever os milagres de Jesus.

O vinho de Caná era tão bom, que todos ficaram admirados (Jo 2,10). Era o primeiro milagre, feito como amostra-grátis do futuro, a ser inaugurado quando chegasse a hora (Jo 2,4). A hora chegou, quando Cristo passou dêste mundo para o Pai, através da morte e da ressurreição (Jo 13,1). É isso que o cristão possui, convivendo com Cristo. Sua vida, que era água, passou a ser vinho.

Acusado de ter curado o paralítico num dia de sábado, Jesus explica: "Meu Pai continua a trabalhar até agora; por isso eu também trabalho" (Jo 5,17). Assim, o cristão fica sabendo

que, no meio da comunidade, existe Alguém, Jesus, que continua trabalhando sempre a favor dos homens.

Depois do milagre da multiplicação dos pães, segue o grande discurso sobre a Eucaristia (Jo 6,26-58). Jesus não alimentou aquele povo só para matar a sua fome, mas também para que assim ficasse revelado que ele mesmo é o "pão da vida" para todos os homens.

Ressuscitou Lázaro, para que ficasse claro ser Ele a "ressurreição e a vida" (Jo 11,25). Naquele que crê em Cristo, opera essa mesma força que vence a morte e concede a vida.

Os milagres, descritos com tanta abundância nos outros três evangelhos, são vistos por João como sinais ou símbolos de uma outra realidade, realidade superior e atuante na vida dos cristãos. Referem-se, sobretudo aos sacramentos e ao grande sacramento de Deus que é Jesus Cristo. Nessa mesma perspectiva, deve ser interpretado o fenômeno da água e do sangue que sai do lado de Cristo, morto na cruz (Jo 19,34-35). A "água" do batismo e o "sangue" da eucaristia colocam o cristão em contato direto com o mistério da morte e ressurreição, que deles é a fonte.

ANDAR NA LUZ É TER COMUNHÃO COM DEUS

O quarto evangelho mostra um homem profundamente humano, porque profundamente preocupado com o problema de Deus e a sua revelação na vida dos homens. Ele mesmo vivia em "comunhão com o Pai e com o Filho" e disso tirou a grande lição: "Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nêle" (1 Jo 4,16). Não diz: "quem permanece em Deus, permanece no amor", mas "quem permanece no amor, permanece em Deus". Fé em Deus e experiência de Deus não são coisas que se adicionam à vida, mas são a própria vida humana, vivida no amor.

Tirou disso ainda uma outra lição: "Deus é luz e nêle não há treva alguma. Se dizemos ter comunhão com ele, mas andamos nas trevas, mentimos e não seguimos a verdade. Se, porém, andamos na luz como ele mesmo está na luz, temos comunhão recíproca uns com os outros, e o sangue de Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado" (1 Jo 1,5-7). Andar na luz é andar na total e radical sinceridade, e isso, para João, já é ter comunhão com Deus e obter o perdão.

Com esses dois critérios, viver na sinceridade e no amor, João era capaz de perceber a presença de Deus, onde outros não a percebiam. Um critério mais amplo não é possível imaginar-se. Provém da sua fé de que tudo que

LIVROS RECEBIDOS

PERSPECTIVA TEOLÓGICA, Ano III, n.º 5, julho-dezembro 1971. Revista semestral da Faculdade de Teologia Cristo Rei. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Praça Tiradentes, 35, São Leopoldo, RS.

CONTEMPLAÇÃO, n.º 9, 1971. Revista da divulgação e espiritualidade para monjas contemplativas claustrais.

COMMUNION, n.º 97, volume 25. Périodique trimestriel publié par la Communauté de Taizé.

LE CHRIST AU MONDE, n.º 3, volume 16, 1971. Revue Internationale d'expériences apostoliques.

OMNIS TERRA, Pontificia Union Misional de los religiosos y de las religiosas, junho 1971.

COMUNICADO MENSAL, n.º 224. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Já em sua nova apresentação gráfica, maio 1971.

ARQUIDIOCESE EM NOTÍCIAS, boletim n.º 21, maio 1971. Belo Horizonte. Já em sua nova forma gráfica.

JUVENTUDE PALOTINA, revista bimestral dos Padres Palotinos. Londrina, junho 1971, n.º 87.

BULLETIN, Conference des Religieux d'Haltl, março 1971.

LA DECLARACIÓN del Concilio Vaticano II sobre los Judios cinco años despues. Documentos del Comité Judío Americano, abril 1971.

O MENSAGEIRO de Santo Antônio, maio 1971.

CONVIVIAM, revista de investigação e cultura, março-abril 1971.

existe foi criado por Deus e para Deus, em Cristo (Jo 1,1-5).

Dessa maneira, tudo começa a falar de Deus, não só os homens, mas também as coisas. E João se preocupa em tornar tudo isso transparente, também para os outros: o vinho (Jo 2,1-12), a luz (Jo 3,19-20), o vento (Jo 3,8), a água (Jo 4,10-14), a voz que quebra a solidão e faz viver (Jo 5,25-28), o pão (Jo 6,26-58), a sede (Jo 7,37-39), o pastor (Jo 10,1-18), a morte (11,17-44), a vida (Jo 16,21), etc. A tudo isso, ele liga apelos de Deus, para que a vida e o mundo sejam tirados do vago, neutro e impessoal, e que o homem seja confrontado na sua vida com o apelo de Deus, ao qual ele mesmo, João, respondeu um dia e no qual encontrava ainda a sua alegria maior.

ALOCUÇÃO

P. MARCELLO DE CARVALHO AZEVEDO, SJ
Presidente Nacional da CRB, abrindo
os trabalhos da IX Assembléia Geral

Numa atitude religiosa, alicerçada em fé profunda, animada de esperança e de uma gratidão sem limites a Deus Nosso Senhor, declaro abertos os trabalhos da IX ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA E ELETIVA DA CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL.

É certamente expressão da vontade do Senhor que nós possamos fazê-lo, nos termos do Estatuto, na época prevista, sem qualquer cunho extraordinário e com a presença significativa já nesta primeira sessão de numerosos membros dos que têm título de direito à participação nesta Assembléia Geral.

A ninguém foge a razão desta minha afirmação. A CRB, como é do conhecimento de todos, atravessou nestes últimos dez meses, uma crise extremamente grave, que a abalou de modo convulsivo, na sua área de sustentação econômico-financeira. Não é este o momento de aprofundar a análise do problema. No decorrer da Assembléia, teremos tempo, ocasião e dados abundantes para fazê-lo. Mas o que convém ter presente é o fato de que uma derrocada econômica da CRB teria arrastado consigo, pelo menos por um considerável lapso de tempo, a Conferência no seu todo e, portanto, na dimensão também de suas finalidades específicas de promoção, animação e coordenação da vida religiosa; teria, não menos, atingido a imagem mesma dos Religiosos, de suas Congregações, e de suas obras; teria afetado de algum modo a Igreja no Brasil.

Se é verdade que a crise econômica desencadeou-se sem informação tempestiva à Diretoria Nacional, à sua revelia e contrariamente a tudo o que foram seus objetivos de trabalho neste triênio, é verdade também que, declarada a crise, no início de outubro de 1970, a Diretoria Nacional assumiu plenamente, com grande ônus e sacrifício de todos os seus membros, a responsabilidade de, juntamente com o Executivo, tudo fazer para a superação do enorme problema que passava a ter diretamente entre as mãos.

Em momento algum pensamos em recuar, em pedir demissão, em aceitar um posto de trabalho no exterior ou em qualquer outra forma discreta e elegante de nos furtarmos à luta.

Em todos estes meses, atravessamos momentos terríveis, de incertezas, de angústia, de perplexidade e desalento em meio a uma humilhação sem nome diante dos bancos, dos fornecedores, das organizações internacionais, de vários organismos da Igreja em Roma e no Brasil e diante dos próprios Religiosos.

A Diretoria Nacional aceitou esta espécie de aniquilamento, de destruição e de morte, sem revolta nem amargura, procurando ler no dia a dia atormentado dos acontecimentos imprevisíveis a palavra misteriosa do Senhor que nos provava tão a fundo e, em nós, a um grande número de religiosos do Brasil, na medida mesma em que eles sinceramente sofriam conosco.

Creio ser de obrigação nossa dar a esta Assembléia e a todos os Religiosos do Brasil, de público, o testemunho de que só Deus nos sustentou em tudo isto. Cada um de nós podia ter atravessado crises sérias de saúde, física e mental. Foi uma confiança inabalável que alicerçou em nós a paz e a serenidade interior e exterior. E em todo este tempo, mais que procurar "a priori" a recuperação da CRB, o que nos preocupou foi discernir e conhecer a vontade de Deus sobre a Conferência e perscrutá-la na obscuridade e no tumulto do que nós não conseguíamos entender.

Em todo este tempo
o que nos preocupou
foi discernir e conhecer
a vontade de Deus
sobre a Conferência
e perscrutá-la na obscuridade
e no tumulto do que nós
não conseguíamos entender.



Sem pedir a Deus prazos para o termo de nossa prova e sem pretender apressar a libertação pela qual aspirávamos, educamo-nos em aceitar o ritmo de Deus num constante fluxo e refluxo de situações, de frustrações e de impasses. Nossa convicção era a de que, se nós prezávamos a CRB a ponto de agüentar tudo isto por ela e pelo que ela representa para a Vida Religiosa no Brasil, era importante deixar que Deus manifestasse sobre ela o seu próprio juízo de valor.

Damos hoje início à Assembléia Geral. A mesma crise tornou a CRB muito mais presente aos Religiosos e a fêz sentir em tôrno de si a coesão, a unidade, a participação da imensa maioria dêles.

Devo dizer que, contrariamente ao que se poderia prever, a área religiosa de atuação da CRB não só não foi prejudicada, mas, pelo contrário, registrou notável incremento em nível nacional e em quase tôdas as Regionais, como podem testificar os que estiveram próximos de nós nestes meses e como ficará amplamente documentado no curso dos trabalhos desta Assembléia.

Sem declinar nomes, pois não seria possível fazê-lo sem o risco de omitir tantos, a Diretoria Nacional, que encerra aqui o seu mandato, quer formular, por meu intermédio, o mais vivo agradecimento a todos aquêles que, nestes três anos, somaram aos nossos os seus esforços, pelo bem da Vida Religiosa no Brasil.

◆ Nossa gratidão vai principalmente aos nossos colaboradores mais próximos, as Diretorias e os Executivos Regionais, os membros do Executivo Nacional, sem os quais a Conferência não seria o que ela é.

◆ E, não menos, aos nossos funcionários em todo o Brasil, especialmente àqueles que, nestes últimos meses, com maior ou menor parcela de responsabilidade, contribuíram decididamente para a recuperação da CRB.

◆ De modo especial ao Conselho Superior, mais particularmente a todos os Religiosos que nesta hora difícil por que passamos, nos compreenderam, nos sustentaram, nos confortaram, puseram com total confiança em nossas mãos o pouco ou o muito de que podiam dispor e, sobretudo, não se omitiram nem de nós se afastaram, a todos êstes, uma sincera e imensa gratidão.

Ao passarmos a outros ombros a CRB, temos a satisfação de entregá-la substancialmente restabelecida em sua integridade e em sua dignidade; plenamente recuperada administrativa e contabilmente; encaminhada em bons termos à solução financeira e econômica que pode vir a resolver em parte os seus problemas; mas sobretudo totalmente apta de continuar a SERVIR à promoção, à animação e à coordenação da vida religiosa no Brasil.

Foi por isso mesmo que a Diretoria Nacional, apoiada pelo Conselho Consultivo e pelas Assembléias Regionais, quis dar a esta IX Assembléia Geral Ordinária a dimensão preponderante da VIDA RELIGIOSA.

Quero agradecer, em nome da Diretoria Nacional, a presença de tôdas as autoridades que nos honraram com o seu comparecimento a esta Sessão de Abertura. Aos membros da Assembléia, aos observadores e demais convidados e participantes as mais cordiais boas-vindas e os melhores votos de um trabalho eficaz e fecundo.

*notas,
comentários,
impressões*

FREI CONSTÂNCIO NOGARA, OFM
Secretário Executivo

IX ASSEMBLÉIA GERAL DA CRB

PREPARAÇÃO E PROGRAMAÇÃO

Cada Assembléia Geral é um acontecimento para a vida religiosa. Isto vale particularmente para esta IX Assembléia. Vários fatores contribuíram. Há mais de um ano e meio teve início a preparação. Que temas seriam abordados? Como participariam os religiosos das Regionais?

Neste sentido, já em fevereiro de 1970, na Reunião do Conselho Consultivo, composto pelos presidentes das 14 Regionais, se decidiu tomar como tema "aspectos da teologia da vida religiosa." Concomitantemente se fizesse uma pesquisa sobre as transformações ocorridas na vida religiosa brasileira, nos últimos cinco anos: 1965-1970. Esta pesquisa se encontra em fase de conclusão. O tema teológico sofreu algumas alterações.

Pensou-se inicialmente num estudo original, com a colaboração das equipes teológicas nacional e regionais. Após a primeira fase, por motivos alheios a nós, tivemos de abandonar o plano, sendo aliás substituído, na mesma linha, pelos Documentos da CLAR: *Formação para a Vida Religiosa e Pobreza e Vida Religiosa na América Latina*. Dêstes dois documentos selecionamos quatro temas: a) Fraternidade. b) Pobreza. c) Oração. d) Apostolado. Todos discutidos e preparados nas diferentes equipes teológicas.

A opção para os documentos da CLAR pareceu-nos muito oportuna, por serem escritos recentes

e já estudados em plano latino-americano, e que não tinham chegado ao conhecimento das comunidades aqui no Brasil. Um segundo motivo foi a crise econômico-financeira. Não se desejava suscitar outra área de atritos, além da existente. No entanto, para complementar o estudo dêstes Documentos foram propostos mais quatro temas, em forma de conferências:

- Vida Religiosa e Secularização, Frei Leonardo Boff, OFM.
- Vida Religiosa e Testemunho Público, P. J. B. Libânio, S.J.
- Vida Religiosa e Igreja Local, D. Valfredo Tepe.
- Vida Religiosa e Fé, P. Luciano Mendes de Almeida, S.J.

Além dêste enfoque nitidamente voltado para a Vida Religiosa, havia outros assuntos urgentes a serem ventilados: a) A reforma dos Estatutos. b) A solução da premente crise econômico-financeira. c) A eleição da nova diretoria nacional. Antes, porém, de chegarmos à composição definitiva dêste quadro, houve inúmeras reuniões do Executivo Nacional, a apresentação do programa a cada uma das 14 Regionais, no decorrer de abril a maio, e mais uma reunião do Conselho Consultivo e Diretoria Nacional, nos dias 28 e 29 de maio. A preparação foi muito cuidadosa e tudo indicava que a programação correspondia às necessidades e aos anseios de todos.



A MESA DO PLENÁRIO DO DIA 31/7/1971

Da esquerda para a direita: Pe. Luís Patiño, Secretário Geral da CLAR; Pe. José de Vasconcelos, Presidente da AEC; Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, Presidente da CRB; Dom Avelar Brandão, Presidente do CELAM; Dom Aloísio Lorscheider, Presidente da CNBB; Dom Ivo Lorscheiter, Secretário Geral da CNBB; Dom Valfredo Tepe, responsável pela Linha 1 do Plano Pastoral de Conjunto; Pe. Manuel Edwards, Presidente da CLAR; Madre Margarida Maria Gonçalves, Vice-Presidente da UISG.

REALIZAÇÃO: DE 24 A 31 DE JULHO

No dia 24, pela manhã, com a presença do Núncio Apostólico, do Cardeal Dom Eugênio de Araújo Sales, de Dom Ivo Lorscheiter, representando a CNBB, do Presidente e Secretário Geral da CLAR, P. Manuel Edwards e P. Luís Patiño e mais de 300 Superiores Maiores, instalou-se a IX Assembléia Geral, com as palavras de abertura do P. Marcello de Carvalho Azevedo, Presidente da CRB, do Núncio Apostólico, de D. Eugênio e D. Ivo.

Os quatro primeiros dias se pautaram como fôra previsto: **Dia 24:** Instalação e eleição da mesa e de dois secretários; à tarde: Fraternidade e Vida Religiosa. **Dia 25:** Pela manhã: Vida Religiosa e Igreja Local. À tarde: Relatório trienal da CRB. **Dia 26:** Pobreza e Vida Religiosa e à tarde: Relatório econômico-financeiro. **Dia 27:** Vida Religiosa e Fé e à tarde: Início do estudo sobre os Estatutos. De ora em diante o horário sofreu profundas modificações.

Dia 28: Foi inteiramente dedicado aos assuntos financeiros. **Dia 29:** Pela manhã: Vida Religiosa e Testemunho de Fé e votação final dos Estatutos. **Dia 30:** Pela manhã: Oração e Vida Religiosa e os últimos esclarecimentos sobre os Estatutos. À tarde: As mais importantes votações referentes à solução financeira da CRB. P. Marcello coordenou os trabalhos.

Dia 31: Pela manhã: Missa celebrada por Dom Aloísio Lorscheider, e a seguir a eleição da nova diretoria, sendo reeleito Presidente, o P. Marcello de Carvalho Azevedo, com 96,94% dos votos. Os outros membros da Diretoria: Ir. Helena Ferreira, Ir. Maria Helena de Toledo, Ir. Aparecida Guimarães, Ir. Ângela Zannotti, Ir. Eugênio Fossá, Ir. Alfredo Henz, P. Décio Teixeira, P. Júlio Munaro, D. Basílio Penido, P. Falliero Bonci. Nesta oportunidade elegeu-se também o Conselho Superior. No encerramento compareceu toda a Presidência da CNBB: D. Aloísio Lorscheider, D. Avelar Brandão Vilela, D. Ivo Lorscheiter.

A Assembléia contou com 365 vogais, 22 observadores, 14 Secretários Executivos Regionais, o Executivo Nacional, Convidados e Conferencistas, num total de 426 participantes.

AVALIAÇÃO

Era intenção da Assembléia, após cada exposição fazer círculo de estudo e propor ao plenário, para apreciação e posterior votação, algumas resoluções e moções passíveis de serem posteriormente publicadas. Isso se fez nos primeiros dias. A partir do dia 28 tivemos de desistir, porque as preocupações no setor econômico-financeiro absorveram as atenções. Mesmo as conferências de Frei Leonardo

Boff e P. J. B. Libânio, sobre secularização e testemunho público não tiveram círculos de estudo e, conseqüentemente, não houve nenhuma resolução prática.

O mesmo aconteceu com o tema Oração, exposto pela Irmã Luzia Ribeiro de Oliveira. Mesmo assim foram apresentados aos vogais mais de 80 resoluções. Não houve, porém, o tempo e a tranquilidade para se proceder a uma triagem e interpretação precisa de cada uma delas, de tal modo que pudessem ser publicadas como pensamento da Assembléia. A título de ilustração damos algumas, que nos pareceram mais significativas pelo conteúdo e pela elevada votação que obtiveram.

ALGUMAS RESOLUÇÕES

1. Procurar mentalizar tôda a Província ou Congregação, mediante a apresentação una, serena equilibrada da nova visão teológica e das atuais diretrizes da Igreja para a Vida Religiosa.
2. Dar um voto de solidariedade e comunhão fraterna para com as Ordens e Congregações que têm membros submetidos à prisão e julgamento em tribunais militares pedindo que sejam tratados com humanidade e julgados com justiça e equidade.
3. Conscientizar os religiosos de que devem primeiramente viver o seu ser religioso como vivência da experiência evangélica de Deus e de Cristo e a partir disto testemunhá-la na Igreja e no mundo.
4. Despertar o espírito missionário para a ajuda às regiões menos favorecidas. Áreas ao longo das grandes rodovias da Amazônia legal.
5. Permitir que as comunidades façam experiências de ação, conforme as necessidades locais.
6. Ser estímulo constante à formação de grupos, dando-lhes apoio necessário ao aprofundamento da vida em comum que seja vivência evangélica.
7. Procurar engajar os religiosos em atividades que os ajudem a reencontrar o sentido da vida religiosa.
8. Descobrir e respeitar os valores fundamentais da pessoa humana.
9. Cultivar as relações humanas através de encontros, diálogos, conversas informais, passeios etc., para desenvolver a espontaneidade, a confiança, a aceitação e o comprometimento recíproco já que a comunicação é um dos elementos constitutivos da fraternidade.
10. Usar das técnicas de dinâmica e criatividade para conhecimento das pessoas e incentivo à corresponsabilidade.
11. Conscientizar os jovens a fim de que aceitem os membros problemáticos. Tais elementos, no entanto, não devem estar nas casas de formação.
12. Dar primazia às exigências profundas do Evangelho e modificar nossas leis particulares, estruturas e sistemas a fim de que estejam a seu serviço.
13. Lembrar aos coordenadores locais que sua principal função é a disponibilidade de ouvir, individual e comunitariamente, sejam sensíveis para captar os carismas da comunidade e colocá-los a serviço da mesma; promover corresponsabilidade; criar um bom corpo de coordenadores locais.
14. Buscar a homogeneidade comunitária, não em termos de idade, cultura, mas na consciência comum de objetivos a alcançar e valores básicos comuns como fator de unidade.
15. Assumir cada religioso como adulto que é, atendendo desde o tempo de sua primeira formação, ao aspecto de sua progressiva maturidade humana e, sobretudo, afetiva, numa base de fé, sem a qual não se chegará jamais à maturidade para a opção.
16. Rever a formação para a fé que é dada em nossas obras educacionais.
17. Formar uma mentalidade comunitária através de reflexão evangélica conjunta, leitura comentada sobre documento de Vida Religiosa, encontros comunitários a fim de que todos cresçam no conhecimento mútuo, caminho para a mútua aceitação.
18. Despertar as comunidades para a verdadeira consciência do que seja fraternidade. É pela fé que tomamos consciência da dimensão divina dos valores humanos e que se supera a dicotomia entre formação humana e espiritual.

UMA ATENÇÃO
SEMPRE
ATUAL.
VER,
OUVIR,
PARTICIPAR



19. Enfatizar e fomentar os encontros que conduzam ao amadurecimento mais pleno e teológico da fraternidade através do confronto entre vida e Evangelho.

20. Reconhecer como atitude fundamental de fraternidade o pluralismo de funções e formas de viver a Vida Religiosa.

21. Pôr em questão as próprias obras tradicionais, ver as que têm ainda razão de existir e inserir as válidas numa dimensão nova de Igreja.

23. Intensificar a ação da CRB para com as contemplativas.

24. Ampliar o programa de cursos da CRB: jovens, religiosos, sacerdotes. Cursos de reciclagem. Cursos sobre documentos da CLAR e Exortação de Paulo VI, Cursos para pregadores de retiros. Cursos para os da faixa de mais de 50 anos, despertando-os para o movimento missionário atualizado.

25. Que a CRB prepare o pessoal apto para ajudar as Províncias e comunidades na formação da fraternidade já que a mesma foi deficiente para a maioria.

26. Continuar as reflexões das equipes de teólogos e divulgar seus estudos.

27. Que a CRB seja o veículo de comunicação entre a CNBB (nacional e regional) e os religiosos.

28. Transmitir aos membros das Províncias e comunidades as comunicações recebidas da CRB nacional e regional.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SÔBRE A ASSEMBLÉIA

Primeira. Quem acompanhou os trabalhos percebeu, e mais do que isso, sentiu o clima de profunda amizade e diálogo existente entre os participantes. Do primeiro ao último dia houve uma busca constante de união, de colaboração, de franqueza e de fé. As celebrações litúrgicas demonstraram muito bem que a confiança era posta em Deus, tal o vigor das participações, seja nos ofícios, seja nas celebrações eucarísticas. Se em outras assembleias emergiram grupos radicais, em torno de alguma tese, nada disto apareceu agora. Não que as posições não fôssem firmes, claras e defendidas com vigor. Mas sim, que houve uma convergência impressionante em alguns valores evangélicos básicos, e em torno deles o testemunho de coesão, de busca, de unidade realmente não comuns.

Segunda. A Assembleia sofreu o impacto da crise financeira que ela deveria solucionar. Pois exatamente êste ponto trouxe para os plenários uma das maiores revelações: a solidariedade aos irmãos, à Igreja, ao Evangelho. Boa parte dos participantes não tinha consciência ou conhecimento do serviço prestado pela CRB aos milhares de religiosos e religiosas por todo o Brasil.

Após a exposição do relatório trienal das atividades da CRB, houve uma exclamação de admiração. E daí o impacto: tudo isto está agora ameaçado pela destruição, se não solucionarmos a crise financeira. Foi o primeiro passo. A quase totalidade se comprometeu materialmente a ajudar a CRB, numa consciência nítida que os valores evangélicos importam mais que os bens terrenos, que êstes

devem servir àqueles. Sem o testemunho do que a CRB fizera pela vida religiosa, não teria havido a solidariedade que se demonstrou.

O segundo ponto foi a revelação de que a CRB não era, em primeiro lugar, uma organização econômico-financeira, mas sim uma organização de serviços para a vida religiosa. E nisto empregara o melhor de suas forças. Ora, este aspecto valia a pena salvaguardar. Aqui houve várias manifestações do clima geral:

— Todos devemos nos dar as mãos no processo de renovação da vida religiosa. Os que têm sintam a responsabilidade de repartir, pois, para isso receberam. Os que não têm, não se sintam inibidos em receber, pois todos somos irmãos, buscando viver e defender o mesmo Evangelho.

Vou sublinhar apenas três tópicos:

1. **Vida religiosa a serviço da Igreja.** Podemos afirmar que esta foi a tônica do encontro. Não se registrou nenhuma intervenção, no sentido de colocar os Institutos, as comunidades, acima das necessidades universais da Igreja. Esta é que polariza nossas atenções e justifica nossas vidas. Se para melhor servir tivermos de proceder a profundas modificações, sejam feitas. Uma resolução enfeixou esta atitude: **“Pôr em questão as próprias obras tradicionais, ver as que ainda têm razão de existir e inserir as válidas numa dimensão nova de Igreja.”** Ou nesta: **“Entrosar as Congregações religiosas na pastoral diocesana.”**

Ao meu ver, esta consciência de pertence à Igreja Local, de se sentir corresponsável por ela, de fazer uma unidade com todo o Povo de Deus: bispos, padres, leigos, religiosos e em trabalhar em função desta comunhão evangélica, parece-nos um passo consideravelmente positivo. Nesta mesma perspectiva devemos colocar o rejuvenescimento missionário do Sul para o Norte do Brasil. Considerar a vida religiosa eminentemente missão, serviço, e isto em faixas de fronteira, em qualquer lugar ou ramo onde a Igreja nos chame. A vida religiosa é um movimento carismático, profético, chamado a desempenhar uma função especial no Povo de Deus. A estratificação e acomodação dos religiosos ao dia a dia, seria uma destruição.

2. **Vida religiosa e vida comunitária.** Pelas breves resoluções que transcrevemos acima, percebemos o acento na vida comunitária. Ajudar os membros integrantes da comunidade a viverem fraternalmente, aceitando-se. Buscar novos caminhos para a formação dos religiosos, que correspondam aos dias de hoje. Permitir, preparar, acompanhar a formação de novos tipos de comunidades, mesmo sabendo que isto constitui um risco. Pertence à dinâmica evangélica: **BUSCAR.** Ser muito atento para não impor à comunidade uma legislação humana, em paridade aos valores evangélicos. Um testemunho notável deste espírito e preocupação fraterna deu-o a própria Assembléia.

3. **Prioridades para a CRB.** Houve uma série de insistências positivas para as programações futuras da CRB:

● Primazia à reflexão teológica, buscando o sentido da vida religiosa dentro da Igreja, fomentando e criando equipes de reflexão.

● Buscar pessoas preparadas ou prepará-las diretamente para que possam ajudar as congregações, as Províncias, as comunidades menos favorecidas.

● Promoção de cursos especiais para superiores masculinos, para pessoas de mais de 50 anos. Acompanhar especialmente a faixa de formação: a teologia da vocação e as novas técnicas de animação de comunidades.

E esta última que nos parece de capital importância:

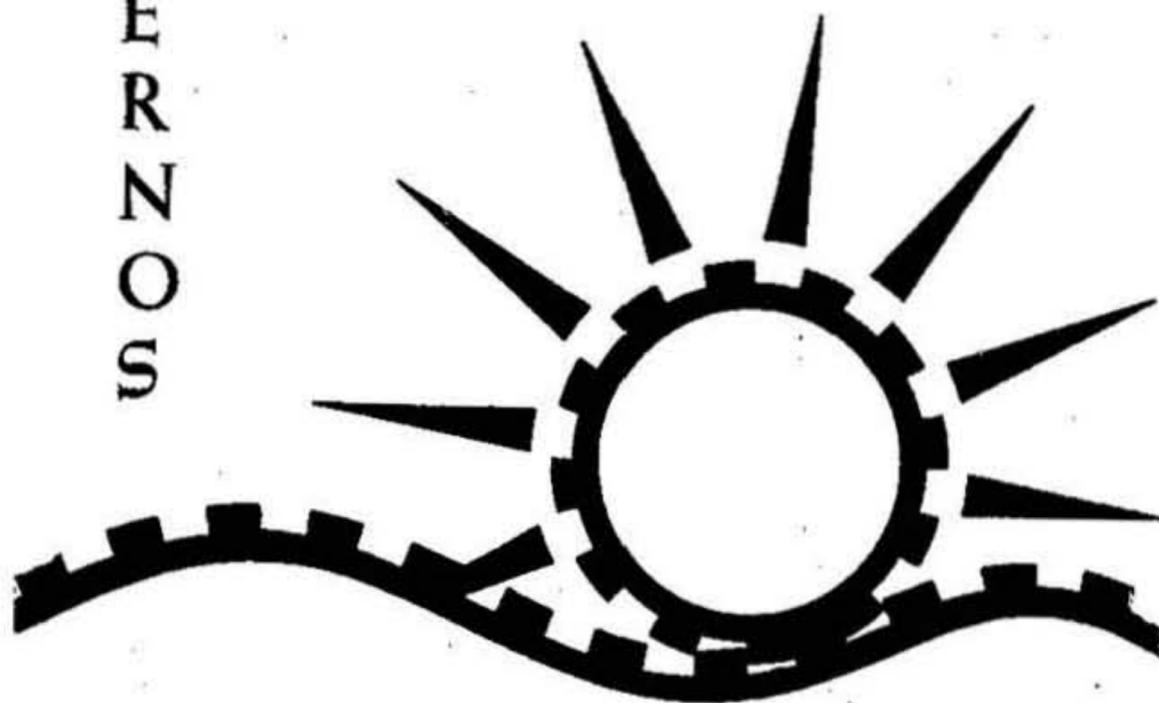
● Que em todas as dioceses ou prelazias, os religiosos procurem se unir, somar forças, seja numa linha teológica, seja na complementação de atividades.

Se esta Assembléia não editou um fascículo de resoluções solenes, nem por isso deixou de ser a mais marcante dos 17 anos da CRB. Bastaria nos lembrar daquela tarde do dia 30, onde os vogais, na sua absoluta totalidade votaram salvar a CRB por causa dos imensos benefícios que presta à vida religiosa, mesmo que este gesto lhes custasse sacrifícios materiais. Este foi o fecho de uma consciência de Igreja, de serviço, de comunhão e de sensibilidade evangélica. Um testemunho comovente de solidariedade e de profunda fraternidade.

Deus não pode deixar de abençoar tais gestos. E a nova Diretoria Nacional, apoiada com este voto, fará certamente tudo para que a CRB seja aquele instrumento de serviço, de união de forças, de promoção de vida religiosa que a Assembléia desejou e pediu.

C
A
D
E
R
N
O
S

DO **CEAS**



O "país do futuro" tem problemas a enfrentar, alternativas a escolher para que as esperanças de desenvolvimento, liberdade e dignidade de seu povo não se mantenham no reino do amanhã.

O estudo e o debate destes problemas e alternativas deve ser amplo e representa uma exigência a que a consciência social ou individual não pode ficar alheia.

O *Centro de Estudos e Ação Social — CEAS — de Salvador* é um órgão que busca

na reflexão e análise sobre os problemas econômicos, sociais, políticos e religiosos, indicar alternativas para a superação dos obstáculos porventura existentes a um desenvolvimento justo e harmônico. Seu trabalho é apresentado nos *Cadernos do CEAS*, que começaram a ser publicados em 1969, encontram-se no seu undécimo número e saem ao ritmo de seis por ano. Para o corrente ano de 1971 estão já elaborados três cadernos:

**DINÂMICA POPULACIONAL NO DESENVOLVIMENTO
RENDA NO NORDESTE
SUDENE E O DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE.**

No presente ano de 1971 a Equipe do CEAS pretende não só ampliar a difusão de suas publicações pelo aumento de assinantes e vendas avulsas como criar ou fortalecer canais de diálogo e colaboração com os interessados no seu trabalho dos quais, inclusive, deverão surgir os temas para as demais publicações do ano.

A assinatura para 1971 além de dar direito aos seis cadernos referidos significará a sua colaboração a uma equipe a qual acredita que o desenvolvimento é uma tarefa de todos e que a todos deve servir.

(VER QUARTA CAPA)